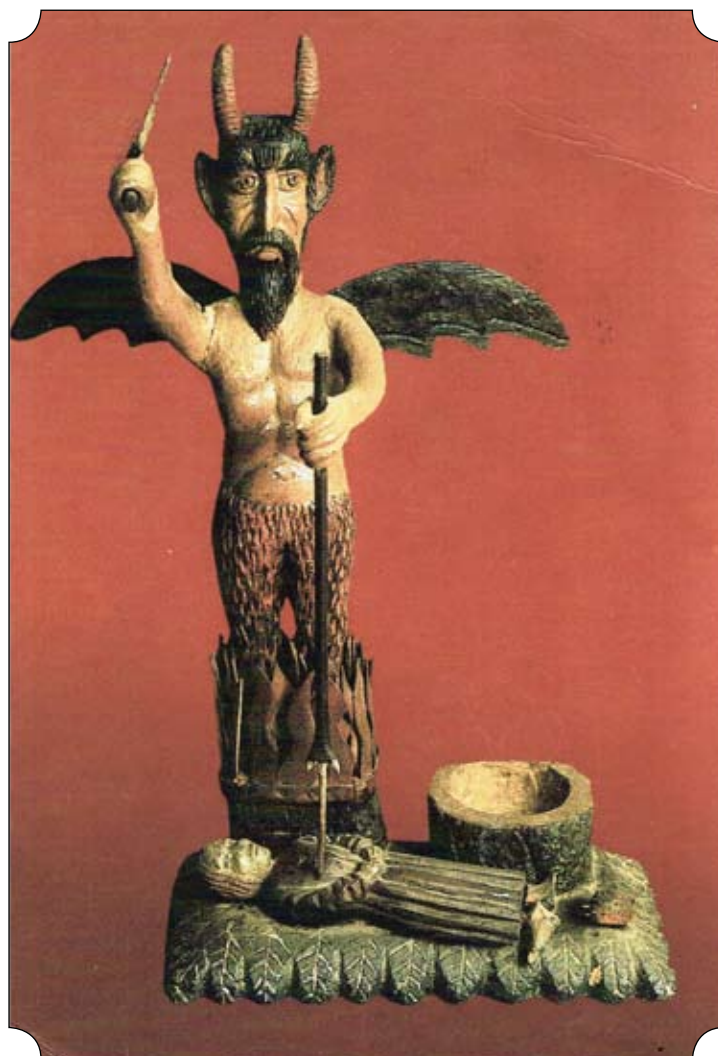


Infernus

N.º 10 · IX/VI ERA APS

ORGÃO OFICIAL DE EXPRESSÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SATANISMO





TEATRO SATÂNICO

+ SPECIAL GUESTS

25 DE OUTUBRO, LISBOA
CASA DE LAFÕES, 21H30M

CHIDAKASHA (OUTRO002)
UM DISCO CONCEPTUAL PARA EXPLORAR FÍSICA E MENTALMENTE
LANÇAMENTO EXCLUSIVO DE TEATRO SATÂNICO
DISPONÍVEL NO DIA DO CONCERTO





Is-nos chegados ao momento em que a Infernus atinge a marca dos dois dígitos na numeração das suas edições! Uma efeméride que poderá não ser nada de extraordinário quando comparada à de outros pares, mas parece-me que é sempre de assinalar o facto de mantermos edições regulares da única revista de Satanismo falada em Português há mais de 2 anos – e sem grandes previsões desse panorama mudar.

Atrevo-me até a dizer: bem pelo contrário! Depois desta edição publicada, o trabalho será focado na conclusão do 2.º Volume da Antologia, para que possam ter nas vossas mãos – literalmente – estas últimas quatro edições, complementadas com algum material de valor acrescentado. E depois disso... bem, vamos guardar as surpresas para outra altura.

Porque agora é o momento de olhar para esta 10.ª edição. Marcada de forma indelével por dois registos: a edição (finalmente!) do *Apocalypse Cancelled* e do documentário *Inside The Church Of Satan*. Em ambos os casos trazemo-vos grandes entrevistas com os principais protagonistas, para percebermos o que os move, o que os motiva, o que os levou a criarem algo como cada um dos projectos com que somos brindados. Porque criação é o motor do Satanismo, nada melhor do que dar-lhe o mérito e o destaque que merece!

Mas não nos esqueçamos dos restantes elementos que compõem a Infernus – alargamos o número de artigos de opinião, assim como o número de colaboradores que participam na revista. Sejam residentes ou viajantes, a opinião que expressam nestas páginas é bem-vinda, continuando nós deste lado receptivos a continuar a acolher outras opiniões que desse lado existam e queiram ser expressas. De novo a questão da criação...

Não queria deixar de acabar sem vos pedir que se mantenham atentos às novidades no seio da APS / HellOutro Enterprises, assim como a reservarem a data de 25 de Outubro nos vossos calendários – há mais surpresas que não demorarão muito a ser reveladas!

Até lá, desfrutem do trabalho que têm em mãos, ficando deste lado a esperança que possa servir de catalisador para que a centelha da criação seja liberta. Porque é isso que de facto nos move, porque é isso que de facto é o Satanismo.

Lurker.



APOCALYPSE FINALMENTE

Langsuyar e Euthymia, a verdade por detrás do novo lançamento HellOutro



EDUCAÇÃO PELA ARTE

Afinal o que é a Arte?



JOSHUA P. WARREN

Uma visão externa do Satanismo



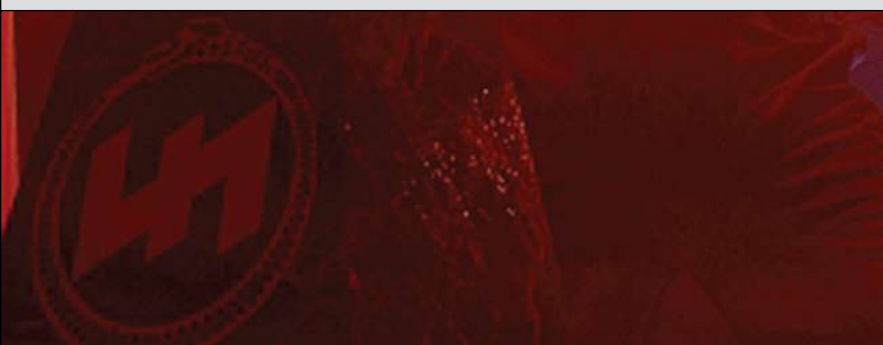
MAGISTER ROBERT LANG

O Satanismo visto por dentro



A MAGIA DA IMAGEM, O VILÃO SATANISTA, THE WICKER MAN, MONTY PYTHON,

E OUTRAS ANÁLISES / REFLEXÕES



INFERNUS N.º X

Capa: *Ragnarok Ritual* (cedido por Robert Lang)

Contra-capas: Sean McMahon

[<http://lordstench.deviantart.com>]

Editor: Lurker

Produção: Solis

Colaboradores: Black Lotus, BM Resende, Homero, Joana Fernandes, Mosath, Outubro, Ringmaster

Revisão: Metzli

ANTECIPAÇÃO AO NOVO LANÇAMENTO HELLOUTRO



Foto: DORA CARVALHAS

ÁPOCALYPSE FINALMENTE

Solis

ENORME ANTECIPAÇÃO
NÃO SÓ PELO TOM E TEOR
COMO POR QUEM LHE DÁ
CORPO: **LUÍS LAMELAS**
AKA **EUTHYMIA**, FORÇA CRIATIVA
DOS [F.E.V.E.R.], E **LANGSUYAR**
AKA **FERNANDO RIBEIRO**,
VOZ DOS MOONSPELL, ESCRITOR,
TRADUTOR E *OPINION-MAKER*.

FOMOS PEDIR SATISFAÇÕES
AOS PRÓPRIOS, ACOMPANHANDO
A INTERESSANTE CONVERSA COM
UM TINTO RÚSTICO E LADRARES
DE CÃES VADIOS NO CAIR DA NOITE
NA CIDADE SUJA. ALÉM DA OBRA,
FALOU-SE DE LAVEY, SATANISMO
E REALIDADES DIVERSAS.



Como surgiu a ideia deste lançamento?

Luís Lamelas [LL]/ Euthymia: Numa conversa casual com o Solis sobre coisas que se poderiam fazer para marcar os dez anos da morte do Anton LaVey, falámos na possibilidade de um trabalho com *spoken-word*. Lembrei-me do Langsuyar, liguei-lhe e apresentei a ideia.

Langsuyar [L]/ Fernando Ribeiro: Pretendia-se de alguma forma, no trabalho que a APS tem feito de divulgação e estabelecimento da cultura LaVey, chamemos-lhe assim, com a edição da Bíblia Satânica, distribuição dos livros, etc. dar a conhecer de uma forma séria o trabalho que preside a própria Associação. Achou-se por bem marcar essa data e fazer algo de diferente e especial. Existem diversos trabalhos, desde arte plástica a discos e livros, mas para não variar Portugal é um país que está sempre aquém nesta cultura *underground*, e não há um entendimento do que é o Satanismo ou, o que existe, é sempre um bocado superficial e desinteressado. Agora fazendo as contas ao resultado final está um tributo forte e digno.

LL: A ideia era criar algo substancial e com conteúdo que homenageasse a passagem de LaVey pelo planeta.

Que mais vos marcou neste trabalho?

L: O que mais me marca é a parte criativa. Houve ali um conceito, também logo uma interação com o texto. e todo o esqueleto do trabalho e manipulação de sons feita pelo Luís. Fomos à obra de LaVey e seleccionámos uma evocação de destruição. Esta

manipulação do texto marcou-me. LaVey orbita entre dois universos a nível de escrita, um muito prático no sentido do que os ingleses chamam *tongue in cheek*. Uma coisa directa.

Objectivista.

L: Exacto. E real. Mas também pelo meu perfil e como me relaciono com LaVey quis dar um tom poético. Depois foi as gravações. Não fomos gravar a umas ruínas ou um solar do sec. XVII. Gravámos num estúdio pequeno, mas o *feeling* que se viveu nessa noite... e o aspecto interior da minha vocalização é aquilo que assume mais importância para mim. Depois há todo o lado celebratório também.

LaVey foi uma pessoa que sempre tive por referência. Uma referência crítica. Há coisas que gosto muito em LaVey e outras com que não me identifico tanto. Essa é a mensagem do satanismo segundo o próprio. Não há uma conformidade. Há uma luta contra o arrebatar das massas, e isso é sempre importante referir. Os satanistas por vezes estão descompassados do seu compasso.

Este projecto tem esta voz independente. É uma coisa ritualista. Acho que o objecto transmite aquilo que nós queremos que ele transmita, e nisso presta a maior homenagem que se pode prestar a LaVey: está ali a força dele. [verte mais vinho]

LL: Eu tinha-me afastado um pouco deste imaginário. A nível prático começaram a surgir em mim algumas composições que se identificavam com esta vertente. Pude retomar isso de uma forma mais vinçada e com o Fernando. Estive na formação original dos Moonspell e foi para mim quase o recordar de um passado a nível estético. Marcou-me voltar a esta estética que estava a surgir com coisas que tenho vindo a criar em Euthymia nos últimos dois anos.

O título funcionou bastante bem. Uma constatação em tom de ironia. O que significa para vocês?

L: *Apocalypse Canceled* foi um nome que eu inventei. É uma metáfora. LaVey morreu numa altura errada. Claro que nunca seria a altura certa, mas hoje em dia, aquilo em que os Estados Unidos se tornaram demonstra que tudo o que ele disse faz algum sentido. Olho por olho, dente por dente. O *Apocalypse Canceled* é uma revelação. Não propriamente um fim ou *terminu*. É um aviso. LaVey ter morrido sugou muita da força imperial de uma instituição como a Church of Satan. Nós todos éramos vivos na altura, fãs de Metal, e foi também por aí que chegámos à filosofia e cultura do LaVey. Como é óbvio não ia-mos fazer uma coisa que não fosse *food for thought*.

O legado que LaVey deixou tornou-se muito interessante. Na Black Flame podemos ler coisas que são uma evolução do que está escrito na *Satanic Bible*.

Gosto muito da forma como a música interage com a palavra e das coisas que o Luís fez. Eu não percebo as técnicas. Ele andou para lá a gravar sons de fora da janela, martelos e o diabo a sete [risos].

LL: Isto foi muito natural. Não foi nada muito planeado, concebido, estudado e ensaiado, não. O Fernando entregou os textos. Eu concebi a parte sonora. Ele ouviu, veio gravar, e eu completei no fim. Foi muito existencialista até.

Em termos de enquadramento mental. Houve alguma canalização energética particular que possam revelar-nos?

LL: Acaba por haver sempre uma força, uma energia negativa e positiva, um caos em combustão, na criação seja do que for. Esta mensagem é um ritual de destruição. É óbvio que tem muito caos e muita energia lá inserida.

L: Da leitura da *Satanic Bible* acho que era o mais indicado para definir o que o Homem é... E a cultura em que vivemos. É um bocado apocalíptico dizer que vivemos numa cultura de destruição, mas pelo menos uma de competição. Os americanos têm uma forma de encarar a competitividade completamente diferente dos europeus e



dos portugueses em particular. Não podemos nunca esquecer que LaVey era um cidadão do mundo, uma pessoa que para americano tinha um conhecimento vasto de outras culturas, antigas e mais contemporâneas, também pela experiência de vida dele, mas é um americano nos anos 60. Por um lado está rodeado de um contexto favorável ao surgimento de novas maneiras de olhar para a vida, à falta de melhor expressão, e vive num país em que a força é lei. *Satanic Bible*, Church of Satan, toda a paródia feita, o ritual, isso para mim tem tudo um sentido que é o de marcar uma posição, que para ele sem dúvida está repleta de verdade.

E na arte, porque isto não deixa de ser um projecto de ambição artística, é importante procurar essa verdade e encontrar essa disposição. Claro que a disposição de estar sentado a um computador a compor e a recolher sons é uma disposição diferente de estar de pé a vocalizar. Vocalizar é uma coisa muito mais física...

LL: E visceral.

L: Como tal tem logo uma componente mental forte. Procurei com a voz ter esse enquadramento, conforme também as nuances da música.

Não quero de alguma forma confundir, porque acho que é um bocado redutor, o ritual de destruição com o ritual de ódio ou de vingança. É a minha interpretação. Os usos são próprios. E como tal tu inscreves alguma coisa de própria nesse ritual. Nós não estamos aqui a falar de bruxedos. Não estamos a falar de mau olhado. De ir à bruxa ali da esquina com uma fotografia da vizinha de cima que nos sujou a roupa com lixívia. É uma coisa muito mais próxima à natureza do homem. Foi por isso que eu escolhi o ritual de destruição, e também pela sua força. Eu acho que o LaVey, quando tu olhas para a figura dele num vídeo, numa t-shirt, no que for, ele transmite essa força. Há quem olhe para ele e, epa, este gajo parece um charlatão, ou um artista de circo, que ele foi, ou parece isto ou parece aquilo. E para mim é uma figura com carisma e com uma força, que soube levar muito bem a vida para aquilo que ele queria. Acho que isso é toda a mensagem da *Satanic Bible*. Não é estabelecer uma comunidade de servos e de sangue, mas muito mais uma representação de si próprio e conseguir objectivos com esses ensinamentos filosóficos e rituais. *Self-fulfillment, self-gratification*, essas palavras que são difíceis de traduzir em português são exactamente aquilo que eu retenho da *Satanic Bible*.

Não estava a pensar no Ares quando executei aquele ritual de destruição [risos], se era essa a pergunta. Para mim a destruição e o ódio não é uma coisa muito estabelecida. As pessoas que eu odeio nem sequer me lembro delas. É a melhor forma de odiar. Elas saíram da nossa esfera de pensamento.

O quotidiano do LaVey, e o nosso quotidiano, influencia-nos muito mais do que aquilo que por vezes desejariamos. Toda a gente

A IDEIA ERA CRIAR ALGO SUBSTANCIAL E COM CONTEÚDO QUE HOMENAGEASSE A PASSAGEM DE LAVEY PELO PLANETA.

- LUÍS LAMELAS

tem as suas respostas. A nossa é a música ou a literatura ou o jornalismo, qualquer tipo de coisa que possa ser criativa. LaVey conseguiu fazer uma coisa estabelecida que dura até aos dias de hoje.

A tua escolha não deixa de ser surpreendente. Poderias ter optado por outras coisas de LaVey, mesmo dentro da *Satanic Bible*, e fazer um *spoken-word* disso com algum ambiente sonoro. Mas foste logo para o mais ambíguo — até dentro do próprio Satanismo. Para alguns de nós é somente filosofia, para outros filosofia com algo de fetichismo, uma ideologia com um espaço místico onde a pessoa na sua individualidade, simbólica, iconográfica, celebra rituais. Alguns satanistas descartam a "segunda parte" da *Satanic Bible*. Ou acham que é folclore de época e não ligam.

Optaste exactamente por aquilo que é o controverso e chocante para a grande massa de pessoas exterior a este universo. Nada poderia ser mais surpreendente e intenso que um ritual de destruição.

L: Para mim tudo o que o LaVey faz e diz gravita à volta da *Satanic Bible*. Nunca vi a *Satanic Bible* como duas partes. Apesar de estar

LL: Tinha que ser diferente.

L: E para as vocalizações que eu tinha pensado fazer — depois nós descobrimos a maior parte delas durante a gravação —, tinha que ser uma coisa... Nem pensei em polémicas. Pensei na força que transmite. Agora se é polémico, vocês melhor do que ninguém...

LL: Estão habituados a ela. [riso]

L: Mesmo dentro da comunidade de membros da APS, no lançamento da Bíblia Satânica encontrei muitos tipos de pessoas com propósitos diferentes.

LL: Fiquei muito satisfeito com a escolha do texto e a metáfora em si. O título foi mesmo o mais indicado. Tudo se conjugou tão bem, apesar de não ter sido uma coisa muito estudada, acho que foi uma coisa muito natural.

L: E não deixa de ser uma peça musical. Tentei encontrar aquilo que mais me pareciam letras.

LL: É uma metáfora, uma representação teatral também. O que permitiu também ao Fernando ter uma abordagem mais épica. Mais declamada do que propriamente *spoken-word*.

L: Não entrando aqui numa coisa astral, mas as palavras têm que me possuir de alguma maneira. Conheço efectivamente bem a *Satanic Bible* e não tive muitas dúvidas sobre o que escolher. O que é que tem a ver com LaVey e não lança polémica?

Não é apenas uma questão de polémica. A *Satanic Bible* é um livro que se perpetua no tempo, não é datado, e contém em si valores que são elementares. A codificação do aspecto ritualístico tem algo a ver com a época em que foi escrito, a altura em que a Church of Satan foi criada e com um intuito mais teatral.

LL: Mas não perdeu a força trinta anos depois.

Longe disso. Estes eram rituais celebrados pelo próprio Anton LaVey.

L: Era um momento muito dado ao psicodrama. Havia muita encenação na arte que se fazia. Muitas coisas a nascerem nos Estados Unidos daquela época. O conceito de instalação, o conceito de performance, que está associado aos rituais. Mas é como tu dizes. Quando documentas uma coisa, que foi o que LaVey fez, há ali um grande caldeirão fervente de culturas, de expres-

sões, a utilização do inglês, a utilização do enoquiano, a disposição e a escolha dos objectos, podemos ir buscar isso à história do ritual. É uma parte forte artisticamente, sem dúvida, não considero que a *Satanic Bible* seja um livro só de ensaio ou de instruções para um novo advento e um novo Homem. Percebo o que queres dizer. Os anos 60 foram dados quase ao espalhafato. Mas também houve muito exagero. Charles Manson é exemplo disso. Algumas coisas foram esmiuçadas. As pessoas estavam *on drugs* e escreveram coisas na parede. LaVey é um bocado melhor que esse espírito dos anos 60, e por isso perdura. Hoje vês o pessoal pseudo-jamaicano a tentar ter boa onda. Vês os restos da cultura *hippie*. Um grande ressurgimento do psicadelismo... O Satanismo de LaVey mantém-se actual, filosoficamente, e o ritual é a escolha de cada pessoa. Mas não considero que seja algo menor. Um projecto destas características não pretendia ser uma visão secante da obra de LaVey e sim uma coisa vibrante

dividida em diversas. Pelo contrário, a parte mais coerente do Satanismo é essa. [mais vinho]

Ele tentou estabelecer uma alternativa. Acho-o um profundo conhecedor de como o humano funciona e pensa. Se nós formos ver as religiões — e também foi essa uma das influências de LaVey —, os misticismos, as representações, sem a parte ritual não conseguem cativar e atrair pessoas para o seu seio e a sua continuidade.

E a própria Vontade. Aceder aos meandros do subconsciente para nisso canalizar energia e a força vital do próprio indivíduo. Algo que só através do ritual e do simbolismo é possível.

L: E é exactamente por aí que chegamos ao *Apocalypse Canceled*. Eu disse ao Luís, ou se não disse nem sequer foi preciso dizer: não quero estar a fazer um *spoken-word*. Quero interpretar. Não quero estar ali a falar para um microfone por cima dos teus sons.

AS PALAVRAS TÊM QUE ME POSSUIR DE ALGUMA MANEIRA. CONHEÇO Efectivamente BEM A SATANIC BIBLE E NÃO TIVE MUITAS DÚVIDAS SOBRE O QUE ESCOLHER. - FERNANDO RIBEIRO



COM EUTHYMIA SEMPRE QUIS EXPLORAR EM TERMOS DE COMPOSIÇÃO: O MOMENTO.

— LUÍS LAMELAS

e com pulso. Este é um dos textos mais vibrantes, independentemente de todas as conotações.

Vale por si só. É uma interpretação de um momento de uma obra. Como criadores conseguem antecipar uma reacção ou utilização que lhe pode ser dada?

LL: Houve alguém que disse que quando se cria e edita uma obra ela deixa de ser do autor. Cada pessoa que compra, leva para casa, o que for, interpreta-a de uma forma própria. A obra vive após o autor. A interpretação e forma como as pessoas a usam, é individual.

Mas conseguem imaginar o rapaz de Penafiel que chega a casa depois de um dia lixado de trabalho, acende umas velas, coloca o disco, senta-se e concentra-se em tudo aquilo que lhe correu mal ao longo do dia. [risos]

L: Em Penafiel muita coisa pode correr mal. [risos]

LL: Não são as ideologias que são perigosas e sim as pessoas.

Apocalypse Cancelled é um disco que não deve ser ouvido de ânimo leve. É destinado a uma elite que o saiba interpretar.

L: As características do projecto indicam logo isso. Uma edição limitada, um tributo especificamente, uma parte lírica cuja grande fatia está centrada numa dose de polémica.

Uma música forte tem que ter uma reacção. Se a reacção for a pessoa ir para casa concentrar-se, pois muito bem. Se uma pessoa se sentar e absorver a música de uma forma íntima, séria, esteja nu, esteja vestido, rodeado de velas ou não, corte-se com uma lâmina, beba um copo de vinho tinto... Acho que isso são respostas que cabem à pessoa individualmente. Nós só precisamos de saber que causa uma reacção.

Em termos sonoros, o concept musical de Euthymia foi levado a um território ainda mais extremo. Concordas Luís?

LL: Sem sombra de dúvida. Com Euthymia sempre quis explorar em termos de composição: O Momento. Tenho muita coisa guardada e muita coisa que se foi desenvolvendo ao longo do tempo. Tenho trabalhado com a ThisCo que é uma editora noise/ experimental, tenho participado em algumas compilações e num álbum de *spoken-word* que foi editado juntamente com um livro. Euthymia acaba por ser a minha parte mais obscura, visceral, mas mais desprendida. Não é uma coisa pensada, é sentar e fazer.

Há uma componente experimental de recolha e transformação de sons, podes falar-nos um pouco disso e do processo de composição?

LL: Compor sem instrumentos, só com os sons que te rodeiam. Criar alguma coisa nesse Momento que traduz o que estás a sentir. Tenho feito cada vez mais composições rudes e viscerais, que tem muito a ver com o estado de espírito e de composição, com me conseguir isolar e exprimir gravando coisas que estou a criar nesse dado momento.

Insisti um pouco para ter os textos primeiro, apesar de já ter seleccionado alguns *samples*, porque queria lê-los e relê-los, absorver

os textos e o estado de espírito que eles transmitem para realizar algo. Quando consegui chegar ao estado de espírito para compor, seleccionar, etc. surgiu um tempo que nem foi premeditado que é de 13 minutos certos. Interpretei o texto, fiz uma selecção dos ambientes que fui recolhendo e que eu escolhi e comecei a manipulá-los com uma métrica que eu imaginei com o texto que o Fernando me enviou. Criei um manto primeiro. Não quis criar uma parte musical que fosse fechada e impedisse de criar fosse o que fosse. Algo onde ele pudesse improvisar e lhe pudesse dar uma força a nível vocal, simples para ele não se prender com tempos, com métrica nem com muita coisa. Apenas uma base. Ele foi, gravou a interpretação que lhe foi surgindo. Eu depois seleccionei as vozes e fiz outra camada sonora que fosse acentuar os pontos altos da declamação que ele realizou. Tentei criar alguma tensão em que ele se libertasse a nível emocional para eu depois poder colorir por cima. O teremim e outras coisas que



Foto: DORA CARVALHAS

utilizei eram coisas já pensadas.

Um mito urbano conta que encomendaste um teremim depois de ouvir uns sons que o LaVey tocava com o seu órgão.

LL: Usei um órgão que estava desafinado. Gravei a própria melodia desafinada e algo atonal. Foi propositado, eu quis mesmo que fosse uma melodia torcida que soasse mas de uma forma visceral, não de uma forma certinha, estudada. Que fosse uma cena de Momento. Não quis ter um padrão, algo regular, estudado. Quis que fosse uma coisa imediata. Chegar, tocar e ficar. Logo nos primeiros segundos quando ele começou a vocalizar eu soube que ia ficar muito superior ao que eu tinha pensado.

L: Portanto a expectativa em relação a mim era bastante baixa. [risos]

O disco é uma edição bilingue, inglês numa face, português na outra. Como foi essa experiência?

L: Fiquei muito surpreendido com a parte portuguesa. Confesso que estava com algum cepticismo mas o Luís insistiu um bocado. Para mim o mais importante é a palavra. Dediquei-me muito a uma tradu-

ção que acho que seria digna. Sou muito especioso com a tradução. Preciosista. É um texto muito forte poeticamente, envolve metáforas e referências mitológicas. Quando o traduzi fui mesmo pelo caminho do epicismo total. Aquilo é forte e tem que ser um trovejar de palavras. A interpretação é completamente diferente do inglês. As tónicas e o acentuamento do inglês não são o mesmo que no português. Como é óbvio eu tenho uma grande experiência de cantar e narrar em inglês, em português já é algo que eu me confronto com mais dificuldades, um bocado por falta de habitação. Tive esse problema com a ópera [*Saga*, na qual Fernando Ribeiro teve parte activa] e até aprendi bastante com o Sidónio dos Bizarra [Locomotiva] porque ele canta em português e fá-lo muito bem. Acho que para a pessoa estrangeira que vai ouvir, ainda vai parecer mais ritualístico.

Última questão *Apocalypse Cancelled*: A ponte para Daemonarch.

L: Daemonarch tornou-se um bocadinho uma praga na minha vida. Foi uma coisa que fiz que tinha um conceito que não se adequava com o ido ano de '98. Tinha a ver com Bathory. Um certo secretismo. A falta de imagem. Uma coisa sem muitas explicações. Foi o primeiro disco em que eu estive envolvido e não publiquei as letras. Sempre pensei em Daemonarch não como uma banda para editar álbuns, mas uma coisa que servisse, tal como Euthymia serve ao Luís, para estas circunstâncias. Assinei como Langsuyar, e para mim o *Apocalypse Cancelled* é exactamente aquilo em que pensei quando fiz o *Hermeticum*.

Eu disse que nunca tinha enterrado Daemonarch, e realmente este é o seu segundo registo porque está imbuído desse espírito. Um espírito que tem a ver com o Ocultismo, Satanismo, a forma como me relaciono com isso e o entendo, as vocalizações e a estética. Eu encaro isto definitivamente como Daemonarch, e não é aqui nenhuma jogada comercial porque de certeza que até haverá dificuldade em atender os pedidos todos, mas na verdade é um trabalho que eu encaro de uma forma muito diferente de Moonspell. Gosto de ter os meus cantos mais escuros, e Daemonarch é esse canto escuro. Cheguei a esta conclusão de uma forma muito genuína, acho eu, que foi depois de gravar a voz. As vozes estão muito nesse sentido. Quando estávamos lá começámos a evoluir, havia lá vozes em que me inspirei não só no que tinha feito com Daemonarch e no que faço com Moonspell, mas nas narrações do Martin Eric Ain nos concertos que vi de Celtic Frost. Ele faz aquela coisa muito sacerdotal e tem tudo a ver com esse espírito.

Off the record. Eu ando a perseguir o Martin Eric Ain. Tenho uma poesia que traduzi do Miguel Torga, que é o *Orfeu Rebelde*, e já encomendei uma música aos Moonspell, por assim dizer. Só não conseguimos para este disco porque os Celtic Frost entraram num período mau. Mas quero ter o Martin Eric Ain no próximo, e vai ser uma cena muito boa. Tipo aquela onda do "Proliferation" no *Memorial* [álbum de Moonspell].

Por falar em Moonspell. Incomoda-te de alguma forma que alguém faça a ponte entre o Satanismo e o universo de Moonspell?

L: Não me incomoda. De alguma maneira já me defini. Uma pessoa chega a uma certa idade e define-se. Eu penso que sou próximo do Satanismo porque o Satanismo é próximo da minha maneira de pensar. É um bocado egoísta e prepotente dizer isto, mas é assim que me encaixo nas coisas. Levou muitos anos, mas até arranji uma expressão. Eu realmente sou um antropocentrista radical. Acredito que o Homem está mesmo no centro do Universo. É uma coisa muito LaVey e muito Satanista, mas há certas coisas, um certo folclore, que não me faz afirmar como um Satanista puro e duro, se isso existir.

Como tu dizes, não é uma coisa estática. Ninguém diz: eu sou um Satanista, e faço isto, isto, e isto, acredito nisto e nisto... Não é uma linha recta. É uma linha curva, em ascendente. O universo de Moonspell tem muita coisa lá dentro. Também não quero que as pessoas pensem que eu tento afastar os Moonspell disto ou daquilo, senão corro o risco das pessoas não comprarem os discos, não irem aos concertos ou os pais proibirem. Não. Moonspell é uma banda que, tal como o Satanismo, encara o Homem como um ser completo, com o seu lado lunar e o seu lado solar também. E isto é uma coisa transversal a muitos misticismos e filosofias. Não tenho qualquer problema com isso, sinceramente.

Mas assumes essa intenção/ tendência de alguma forma?

L: Claro que assumo, e basta ler as minhas letras. Os Moonspell já conseguem incluir de uma forma que se tornou popular um certo *dark-side*. Isso é uma forma de ouvir Moonspell. Agora, quem estiver atento, quem ler as letras, e escolher um caminho que não é só dos Moonspell mas de todo um movimento, saberá que há ali uma assunção de valores que têm a ver com esse universo. Nunca o escondemos.

Não é um indivíduo chinhar-se todo que o faz um satânico. Sempre entendi o Satanismo como uma coisa muito mais elegante, intelectual, artística. O Satanista moderno não será alguém que vai representar os clichés de imprensa, de ir matar os pais, sacrificar pessoas, e não sei quê.

LL: Por isso é que há a diferenciação entre satânico e satanista.

Esse é um neologismo fácil mas desnecessário. Concebo a diferenciação e compreendo a significância mas não faz sentido utilizarmos a expressão.

L: Satânico é uma coisa mais comum, mais vulgar. É uma expressão que está desgastada pela comunicação social, pela *cena* também, porque as pessoas olham sempre para o exterior, mas na *cena*, principalmente no Metal, isso ocorre. Acho que é muito mau ser reduzido ao Metal. Tu ouves a Radio Free Satan, nós fartamo-nos de ouvir isso lá no estúdio, no Inferno, e é uma coisa que tem humor, tem filosofia, música, tem ali muita coisa a acontecer.

Acho que encontrei um equilíbrio certo. Não me escondo, por assim dizer, mas também não vou para aí para os fóruns, para a rua dizer o que sou ou deixo de ser. Nunca entendi o Satanismo assim. Quem faz isso é por necessidade de afirmação, e eu sinceramente já passei um bocado essa fase, embora ainda a tenha como qualquer pessoa, senão também não ia para um palco, não era? [risos]

Por exemplo, quem foi ver o concerto do *Under Satanae*, sabe que aquilo não é feito por pessoas que não entendem da estética. Sabíamos o que estávamos a fazer.

Foi uma grande tarefa. Deve ter sido uma surpresa e tanto para o vosso fã habitual.

L: Isso do nosso fã habitual caiu um bocado no mito urbano, que só há putalhada a ouvir Moonspell, que agora está na moda... E porque não influenciá-lo?

Eu estava no meio do público e vi o ar estupefacto das pessoas.

L: Se calhar também era o ar descrente de que uma banda como nós, ou uma banda portuguesa, pudesse fazer um espectáculo daquela dimensão visual. Também há esse aspecto, o pessoal estava, na gíria: apavilhado.

Mas também vou-te ser honesto. Eu estou na música porque gosto de influenciar. Gosto que as pessoas olhem para mim, leiam as minhas letras, e que haja uma continuidade. É como o Zé do

**EU DISSE QUE NUNCA TINHA ENTERRADO DAEMONARCH,
E REALMENTE ESTE É O SEU SEGUNDO REGISTO
PORQUE ESTÁ IMBUÍDO DESSE ESPÍRITO. - FERNANDO RIBEIRO**

Caixão, uma continuidade de sangue. Isso é o mais importante. Não sou gajo para dizer: "estou aqui mas não é para influenciar, isto é só entretenimento." Moonspell, Daemonarch ou o *Apocalypse Cancelled* não é uma forma que eu tenho para passar o meu tempo. É um chamamento.

Está bem que Moonspell é a minha vida e o meu sustento, mas também não estou a fazer música por encomenda. Senão não tinha uma banda que ia ao Coliseu e fazia aquele tipo de espectáculo.

Jogavam mais pelo seguro.

L: *Excuse my french*: estou-me perfeitamente cagando para isso. Faça o que faça, assumo o que assumir, lá fora as pessoas têm outro entendimento. Moonspell, felizmente, é só mais uma banda. Que tem os seus fãs, que tem os seus ideais, a sua estética. Em Portugal é uma banda para que toda a gente olha, quer numa perspectiva de maledicência, quer numa perspectiva de orgulho. Eu afino um bocado pelo meio. Nós não nos podemos importar com isso.

Eu quando fiz o *Apocalypse Cancelled* fiz porque o senti. Porque admiro a obra de LaVey, gostei do que o Luís fez, achei que a minha voz se enquadrava ali e ouve o chamamento da palavra.

Podemos esperar outras colaborações com a APS no futuro?

L: Por mim sim. [sorri]

LL: O tempo o dirá...

O que acham do trabalho que temos desenvolvido?

LL: Só a intenção de criar esta Associação, levá-la avante com eventos e começar a lançar vários tipos de material como livros e discos, isso é sempre bem-vindo. Tem sido um trabalho notável. Só a intenção, estando nós no país em que estamos, uma intenção de ruptura, só isso vale.

L: Eu pego no que disseste. Vivemos em Portugal. Nós como pessoas que viajam temos este entendimento. Portugal não é o país dos brandos costumes, mas é-o dos brandos pensamentos. Moonspell nunca foi censurado em Portugal. Porquê?

LL: Eu acho que foram...

L: É por desleixe. Vocês se calhar têm chatices para registar um nome, ou com a burocracia, que é uma chatice que toda a gente tem. Se calhar será a mesma chatice tu ires com tatuagens a um banco e eles começarem a olhar para ti, e depois de apresentares o balanço eles: "épa realmente olha, as tuas tatuagens já não significam nada porque tu tens dinheiro, toma lá o crédito." É assim que eu encaro Portugal. Quando a APS surgiu, se calhar houve diversas actividades que colocaram a APS sob uma luz que não era a mais consentânea com o vosso projecto. Houve um repensar e um trabalho feito com mais seriedade, dignidade e mais substância, de alguma maneira. A APS é um movimento que pode e tem a intenção de trazer alguma solidez. Claro que é um movimento livre e terá os seus elementos mais formidáveis e outros menos, mas há uma tentativa de dar alguma solidez e credibilidade a este movimento, que é exactamente o que não acontecia em Portugal. Lembro-me que toda a gente vendia a *Satanic Bible*, toda a gente fazia e acontecia, mas nunca houve ninguém que tentasse uma tradução.

Há uma assunção de que se quer fazer alguma coisa com seriedade. Que se quer afastar os clichés. As pessoas pensam sempre de uma forma exterior, mas para mim os maiores perigos que sempre vieram destas culturas alternativas, à falta de melhor expressão, é exactamente o interior, o miolo. E aí a APS tem tentado ter um núcleo duro forte, e acho que isso é o mais importante. Pessoas que decidem, pessoas que escolhem, pessoas que não vão por um populismo, do Black Metal, etc. ou só relacionar a isso. O *Apocalypse Cancelled* é um disco



que não tem muito a ver com o universo do Metal, e acho que isso é muito importante senão vamos estar sempre a andar em círculos.

Temos membros que não têm nada a ver com Metal e de faixas etárias bastante diferentes.

L: Isso é muito bom. E digo eu especulando, porque é que estão dentro do movimento essas pessoas que vêm de um quadrante intelectual e social mais evoluído? Porque há uma selecção natural. As pessoas notam que há uma solidez, uma credibilidade. Acho que o facto de trabalharem comigo e com o Luís também credibiliza isso, um bocado. Modéstia à parte, mas os satanistas ou os satânicos também se afirmam. E é verdade. Fizemos um bom trabalho, um trabalho digno e são lançamentos como este que dão força à APS.

A *Bíblia Satânica* foi um momento histórico, mas lá está, porque não editá-lo por uma grande editora? Porque não franquear um bocado as portas? É como com Moonspell. Vendeu mil discos, dessas mil pessoas se no próximo disco fizermos uma coisa muito mais conceptual, dez ficarão, ou cem. Estas entidades alternativas, bandas, editoras, trabalham exactamente para essas dez ou cem pessoas. Das mil pessoas, ou das mil Bíblias Satânicas que se venderem, haverá uma grande parte que daqui a bocado já está *noutra*. Mas há-de haver ali uma percentagem que vai ficar e cuja vida irá ser modificada. É por aí que se constroem as carreiras ou as vivências sólidas. Nesse aspecto, quer os Moonspell, Euthymia ou a APS, trabalham para a minoria. Para essa minoria que sente que não é suficiente ler uma tradução, mas alguma coisa lhes diz que têm que ir mais longe. Foi sempre assim que eu entendi Moonspell. De vez em quando não consigo expressar muito bem isto. Vou à merda do Colombo e estou a tirar fotos com o pessoal todo.

LL: É mais tu construíres uma porta. Há uns que a passam completamente, há outros que ficam à porta a observar, e há uns que a passam e tu interferes na vida deles. Dás uma opção. Tem muito a ver com isso. Dar uma escolha. Passar a chama, o conhecimento.

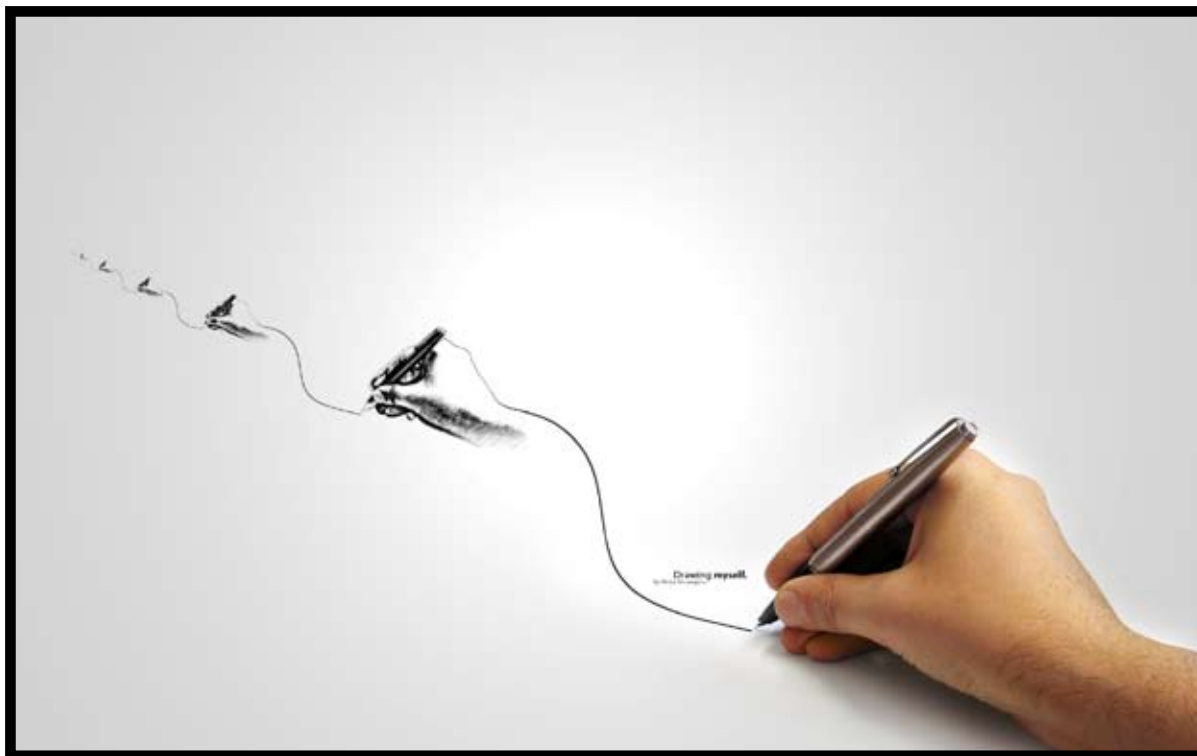
L: Acho que a APS tem feito esse trabalho. Conheço algumas pessoas, tu, o Lurker, e são pessoas que eu respeito, que sei que têm substrato. Que não se tornaram Associação numa de ir beber copos à sexta-feira para o Bairro Alto. Podiam ter apenas um site, myspace,... mas é um projecto mais envolvente e eu estou disposto a colaborar.

Se vos for apresentado o cartão de membro honorário da Associação Portuguesa de Satanismo, aceitam-no?

L: Aceito com todo o prazer.

LL: Eu aceito também.

O QUE É A ARTE?



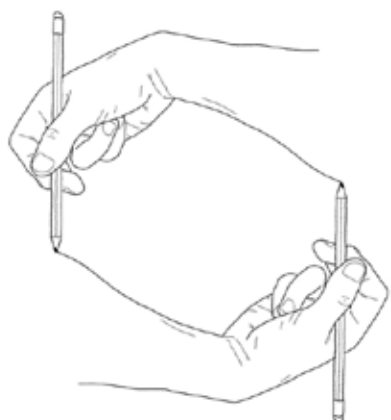
MIKA AHVENJÄRVI [http://urbanartdeviantart.com]

EDUCAÇÃO PELA ARTE

Joana Fernandes

AFINAL O QUE É A ARTE?
NO INÍCIO DA DÉCADA
DE 40 DO SÉCULO XX,
H.READ DISSE E PROVOU
QUE “A ARTE DEVE SER
A BASE DA EDUCAÇÃO”.

TEKA [http://teka.deviantart.com]



A criança quem é?

Segundo um conceito corrente, a educação pela arte pressupõe a possibilidade das crianças revelarem expressões artísticas, ou seja, de revelarem uma arte infantil. O que resta saber é em que medida se pode falar de arte infantil como definição geral das manifestações plásticas das crianças.

Nota-se que a escola não estimula em regra essas manifestações plásticas espontâneas da criança. Parece-me evidente que a escola cerceia a espontaneidade da criança, na medida em que a é a imposição de uma cultura feita. A Arte é contestatária, ao passo que a escola tende a estagnar ou a impor aos alunos, qualquer coisa de já feito, de já construído. Tenho a impressão que essa diferença é realmente o aspecto principal. Ao invés da escola que é, repito, uma imposição de ideias feitas, o artista é um sempre um contestatário da cultura.

Ao entrar para a escola, a criança vê portanto cerceada a espontaneidade das suas manifestações... A minha dúvida é se, na verdade, a criança é alguma vez totalmente espontânea, e se

“AS CRIANÇAS SÃO CRUÉIS”. SERÃO? OU SERÃO APENAS AQUILO QUE OS CHAMADOS ADULTOS NÃO CONSEGUEM MUITAS VEZES SER: ÍNTEGROS, DIRECTOS, SINCEROS E TRANSPARENTES?

não há muito cedo uma repressão que a impede de se manifestar plasticamente.

O jardim-escola pode ter a função de desinibir, na criança, qualquer coisa que foi inibido e, portanto, o educador pode retomar o fio à meada e permitir à criança, exprimir-se como se lhes dissesse: Afinal nem tudo é proibido. Em todo o caso é preciso não esquecer que a repressão se manifesta na nossa sociedade, sobretudo pela repressão dos impulsos primitivos e expressões verbais primitivas. O que se pode fazer na educação através da arte é permitir que através da expressão gráfica ou pictural a criança possa exprimir certos impulsos que ela não pode expressar directamente.

in; “Ensaio sobre Educação – I A criança quem é?” ; Biblioteca do Educador Profissional; João dos Santos

E assim pensava um dos grandes Mestres de Educação no nosso país.

Afinal o que é a Arte? No início da década de 40 do século XX, H.Read disse e provou que “A Arte deve ser a base da educação”.

Eternamente oportuna, pareceu-me uma questão deveras interessante, para colocar às crianças com que estou todos os dias.

Gosto sobretudo de lhes apresentar assuntos e interrogações, de lhes “chocalhar” as mentes, estimulando-as com perguntas que eu própria não sei muito bem responder.

E quem melhor dos que elas, as crianças, desprovidas (ainda) de conceitos pré-definidos, para me caracterizarem tal termo.

Neste âmbito propus-lhes então que, por modo de escrita, desenho, ou pelo que quisessem me transmitissem de algum modo o que sentiam e pensavam ser Arte.

Rotina e dois dias iguais, é realmente coisa que não encontro, junto dos mais novos, pelo que não estranhei ficar surpresa com as respostas de que deles obtive.

“A Arte é tudo”, disse um. “A Arte é pintura e escultura”, disse

outro. E assim por diante todos me faziam parecer ter todo o sentido. No entanto, e como em tudo, algo se destacou...

Uma das vulgares folhas A4, que tantas vezes usamos, sobressaiu no meio da panóplia de papel.

Um ponto preto, meticulosamente inserido no meio, com um ponto de interrogação como que a mirá-lo ao lado, mereceu-me especial atenção. Em baixo apenas uma frase; “Eu não sei o que é Arte. A Arte é o que EU, tu e o outro quiser”.

Que melhor sentido podia eu encontrar do significado de tal palavra, afinal tão ambígua em todo o seu Ser.

Sorri por dentro e por fora. Digna de conteúdo de dicionário, pensei eu.

A espontaneidade e a simplicidade, com que ele me apresentou, à maneira dele, o termo que lhes propus explorar, deixou-me estarrecida.

Tudo lhes sai assim, das entranhas, sem pensar duas vezes, sem “ses”, nem “mas”, sem qualquer espécie de amputação de que nível for.

E assim é em relação a tudo, sentimentos, pensamentos, acções. Expressão sem limites acima de tudo. Tudo vale, desde que façam transparecer cá para fora, o que pensam disto e daquilo.

Muitas vezes se diz, e em vários contextos, “As crianças são cruéis”. Serão? Ou serão apenas aquilo que os chamados adultos não conseguem muitas vezes ser: íntegros, directos, sinceros e transparentes?

A hipocrisia não reina realmente, na mente não moldada e viciada, destes “miúdos” com que tanto sinto aprender e absorver todos os dias.

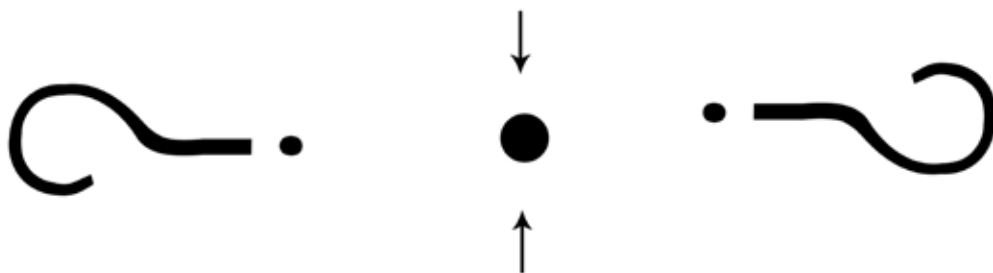
Liberdade. Expressão. Apenas, Ser-se.

Invente-se e Reinvente-se a Arte, pela mão destes mais novos, e pela nossa, porque não.

Afinal, “A Arte é o que Eu, tu e o outro quiser”...

...O que é a arte...

Eu não sei o que
é arte...



A Arte é o que Eu, tu, e o outro quiser.



Foto: STEPHANIE-KRISTLE CHIN [http://i11thia.deviantart.com]

A MAGIA DA IMAGEM

Outubro

AO TRANSFORMAR A NOSSA VISÃO DA REALIDADE,
O CINEMA CONJUGA ESSA VISÃO
COM A TRANSFORMAÇÃO DA PRÓPRIA REALIDADE.

A ideia, embora expressa por mim é de **Bretton** e vai ao encontro da minha: A evidência de que qualquer arquétipo, pelo simples facto de o ser acabará por moldar e modificar DE FACTO a própria realidade, ao projectar-se em simultâneo na mente de milhões, interferindo nos seus hábitos, estética e por último na própria morfologia. Essa foi e será sempre a resposta da matéria ao ambiente e acaba por fundamentar a própria evolução.

Neste caso específico, se pensarmos que o ambiente é condicionado pela realidade, que é condicionada pelas acções humanas, influenciadas pela percepção, por sua vez modulada pelas imagens (exemplos) que assimila, é fácil perceber o papel do arquétipo nessas transformações e porque motivo estas ascendem ao plano morfológico a longo prazo.

Ao projectar no mito a que o personagem dá corpo o desejo de ser aquilo que não é, conjugando-o com a sua própria realidade, o espectador banal estará a servir de veículo para a elevação do mito à qualidade de arquétipo

fazendo-o ecoar na realidade colectiva, enquanto modelo desejável e atractivo.

Por isso a elegância do vampiro se converteu num arquétipo tão desejável, numa sociedade em que o poder, a energia e a beleza são preocupações prevalentes para a maioria e em que própria imagem oferecida por Hollywood infere que esse poder além *infeccioso* (no bom sentido da palavra) se multiplica na prática. Por isso o *Nosferatu* de **Murnau**, deu lugar ao belo modelo fotográfico a emergir imponentemente das areias do deserto (*Vampiros de John Carpenter*), o que não deixa de ser uma visão agradável, mas na minha humilde opinião não deve ser encarado apenas como um inócuo exercício imaginativo, cujas consequências se diluem, no átrio da sala de cinema.

Se acharem que estou a exagerar pensem na evidência retratada em *Assassinos Natos*, no que toca à assimilação colectiva e à ascensão dos personagens a mitos, independentemente do rasto de sangue que deixam atrás de si. Por acção dos Mass Media, dir-me-ão. E será que é dissociável, pergunto eu?

Mas voltando ao efeito acumulativo do arquétipo, desde a primeira vez que a imagem é projectada numa sala de cinema até ao momento em que se fixa como tal na mente colectiva:

À semelhança do mito que retrata, o efeito do arquétipo é de facto *infeccioso*, reforçando gradualmente a assimilação colectiva, não só pelo facto de ser amplamente divulgado mas também por se aliar à própria capacidade criativa do espectador/receptor, multiplicando-se através das suas criações e engrossando as hostes dos apreciadores do género, que o reproduzem *ad eternum*, revolucionando-o, modificando-o e produzindo, por consequência, novas modificações da realidade.

O que nos leva ao título deste texto, um *cliché* gasto, mas que encerra um trocadilho e um mistério e acaba por sintetizar o propósito do texto. Algo ainda complicado de aceitar para muitos, pela carga esotérica que carrega, fruto por um lado, das produtivas campanhas mistificadoras da igreja e por outro do serviço igualmente obtuso de alguns ocultistas de elegibilidade e legibilidade suspeita, mas que não me canso de desmistificar por a achar uma ferramenta importante para todos que a saibam utilizar.

Não foi por mero caso que me socorri do *cliché*. A verdade é que as palavras "imagem" e "magia" têm a mesma raiz etimológica e a sétima arte nos facilita o entendimento do conceito de magia, como uma forma de alterar a realidade, nos termos em que descrevi acima,

O EFEITO DO ARQUÉTIPO É DE FACTO INFECCIOSO, REFORÇANDO GRADUALMENTE A ASSIMILAÇÃO COLECTIVA

o que me leva de imediato a estabelecer um paralelo entre a prática da Magia Inferior e o papel do cineasta.

Interrogo-me:

Em que medida a acção individual subordinada, por exemplo, à prática de Magia Inferior não se reproduz e multiplica da mesma forma que a imagem de um mito lançada por um realizador, mediante a produção de imagens e impressões capazes de *infectar* positiva ou negativamente os demais? E no sentido inverso: Em que medida as mudanças a que assistimos à escala colectiva, por acção desses arquétipos, não obedecem a um sistema que se reproduz a todos os níveis?

Até que ponto, a mudança dos nossos hábitos e a insistência em determinadas acções e posturas, não produz, em termos individuais, profundas mudanças não só mentais como físicas, se entendermos o nosso corpo como um universo paralelo ao colectivo?

É a energia que rege a matéria e a modifica. E a energia, em termos humanos, produz ideias que voltam a produzir energia.

Não serão então os próprios arquétipos, em simultâneo, efeitos e agentes dessa mesma imparável cadeia evolutiva?

Tudo isto aponta para a importância da criação e os símbolos de que se socorre o ser criativo, como os eternos agentes moduladores da realidade, sem se correr o risco de encarar estes últimos como arquétipos estáticos. A beleza infecciosa da criação associada ao tempo, em oposição à imutabilidade "da lei" tal como é imposta pelas religiões, ao definirem como agente de mudança, algo exterior à própria mudança.



Foto: MARTINA [<http://tiptap.deviantart.com>]

Voltando ao nosso tema e, resumindo-me unicamente à ficção tradicionalmente conotada como o inverso da realidade:

Se é verdade que circulam por aí centenas de produções de ficção cujo único propósito é exacerbar a impotência e a pequenez do homem perante "forças maiores", embebedando-o de imagens inconsequentes, para que flutue, sonhe, se arrepie ou ria inocuamente (sob o chavão milenar do bem e do mal, é claro) é também verdade que existem as que, ficcionando a realidade, injectam nele os conceitos que o autorizam como agente de mudança, ou que mais subliminarmente provocam nele as reacções necessárias à acção.

A essas me refiro como exemplos acabados de que a realidade é, antes de mais, produto de magias diversas, de entre elas a imagem, e que estas se constituem por sua vez como parte integrante da realidade.

**MAGIA É O QUE
NOS FAZ VER.**



TEATRO
SATÂNICO

apresenta

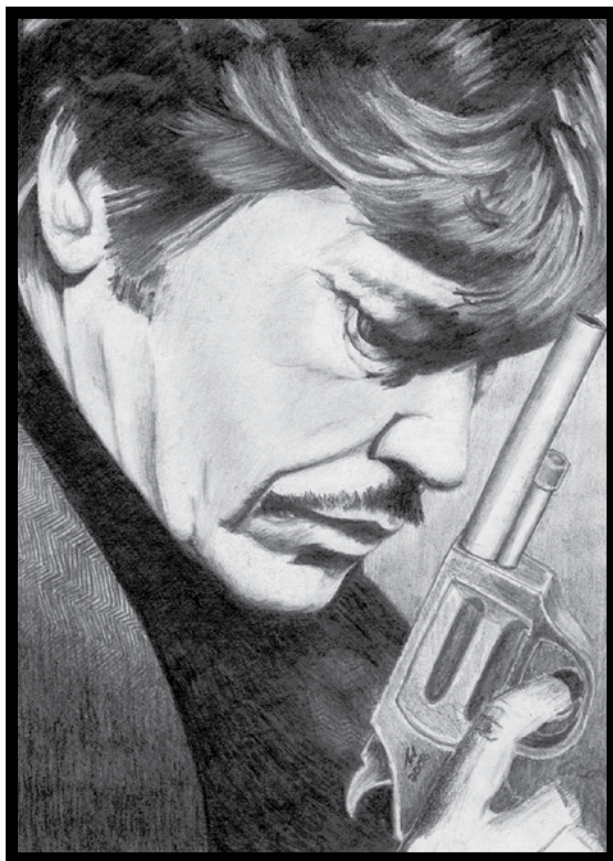
CHIDAKASHA

Lançamento Oficial 25 de Outubro
Casa de Lafões - Lisboa às 21h30
3 faixas originais inéditas
Edição Especial Limitada 333 Unidades



HellOutro

LEX TALIONIS IS SERVED



TOMMY [http://brtanga.deviantart.com]

O VILÃO SATANISTA

Ringmaster

“AO CAMINHAR PELOS CORREDORES MAL ILUMINADOS DA CINEMATECA EM DIRECÇÃO À CRESCENTE LUZ DE FIM DE TARDE, SENTIA-ME COMPLETAMENTE SATISFEITO COM O FILME A QUE TINHA ACABADO DE ASSISTIR (...) AFINAL RARAS SÃO AS VEZES EM QUE NUMA SALA DE CINEMA SE PODE ASSISTIR A UM FILME COM UMA POSTURA QUE SEJA INTERESSANTE PARA UM ESPECTADOR SATANISTA”

A

A secção acabara! Ao caminhar pelos corredores mal iluminados da cinemateca em direcção à crescente luz de fim de tarde, sentia-me completamente satisfeito com o filme a que tinha acabado de assistir: **SCARFACE, SHAME OF A NATION** (*Scarface, o homem da cicatriz*). Afinal raras são as vezes em que numa sala de cinema se pode assistir a um filme com uma postura que seja interessante para um espectador Satanista, se bem que as salas da cinemateca não podem de todo ser consideradas para um público generalista e contêm variadas vezes secções com filmes obscuros apenas pertencentes ao conhecimento de uma minoria.

Mas tal como noutras formas de arte ou entretenimento, filmes de tal interesse estão muitas vezes para além daquilo que seria o óbvio para um espectador comum, associar cinema e Satanismo numa mesma frase, regra geral, dá azo a que a mente mais comum ou menos informada percorra todo um imaginário desde o escatológico bíblico como a já comum chegada de um anticristo, um cenário medieval povoado de pactos demoníacos e monges a recitar cânticos religiosos de trás para frente ou mesmo o drama de uma família na qual um membro ou a sua casa são alvo de uma qualquer possessão de origem demoníaca, estereótipos estes que se fazem acompanhar por uma narrativa tipicamente dualista do bem versus mal. Neste sentido e usando como exemplo o filme que mencionei no início, a narrativa de *Scarface* afasta-se de tais *clichés* e vai ao encontro da

POR MAIS BIZARRO E FANTASIOSO QUE POSSA SER O CENÁRIO OU AMBIENTE ONDE DECORRE A ACÇÃO DE UM FILME, A COMPONENTE HUMANA E A SUA COMPLEXIDADE ESTÃO SEMPRE PRESENTES.

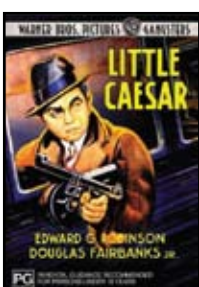
Tragédia Grega, com o seu protagonista Tony Camonte a desafiar e a conquistar poderes e instituições maiores que ele, para no final tudo o que tinha conseguido começar a desmoronar-se e ele próprio perecer.

Pessoalmente é neste ponto que a demarcação entre um "filme satânico" e os restantes começam a ganhar forma na sua narrativa e na sua caracterização de personagens; o protagonista abala o *status quo* e possui características que lhe conferem o seu traço diabólico. Ainda no domínio dos filmes de *gangsters* recordo-me do excelente **LITTLE CAESAR** (*O pequeno César*) onde a personagem de Rico (Edward G. Robinson) através da sua perseverança e rebeldia vai alcançando tudo o que almeja.

Este tipo de caracterização contempla uma personagem com características humanas com tudo o que isso acarreta, o que não é o caso de histórias nas quais as personagens nos soam horrivelmente inumanas e plásticas, desligadas da sua carnalidade e dos seus instintos, uma caracterização unidimensional. Por mais bizarro e fantástico que possa ser o cenário ou ambiente onde decorre a acção de um filme, a componente humana e a sua complexidade estão sempre presentes.

Em **À MEIA - NOITE LEVAREI SUA ALMA** e nas subsequentes duas sequelas a personagem criada e interpretada pelo realizador **JOSÉ MOJICA MARINS**, **ZÉ DO CAIXÃO**, procura a mulher ideal para gerar o seu filho e dar continuidade à sua linhagem não olhando a meios e demonstrando uma grande crueldade, mas para ilustrar que a sua personagem é humana e possuidora de consciência, o criador inclui sequências nas quais um incrédulo Zé do Caixão era assombrado por espectros das suas vítimas. Particularidades da personagem que estabelecem um elo de identificação com um espectador satanista são o alto valor que este atribui às crianças e o seu ódio por religião, superstição e falsa moralidade. É neste tipo de personagens que o Satanista se identifica no anti-herói, no adversário do pensamento conformista e obstinado na sua demanda para alcançar aquilo que mais almeja.

Mas o Satanismo não encontra eco só neste tipo de narrativas em que o conflito é, acima de tudo, de uma só personagem; no que toca a conflitos onde um dilema social ou ameaça mundial desempenham uma grande parte da acção dois títulos assaltam-me o pensamento **DEATH WISH** (*O Justiceiro da Noite*) e **Invasion of the Body Snatchers** (*A*



Terra em Perigo). O primeiro leva o espectador a acompanhar **Paul Kersey**, um objector de consciência que após um ataque violento à sua família se torna no Vigilante, começando uma escalada de justa retaliação contra a ralé de *New York*. Após criarmos empatia com o personagem é delicioso cada vez que ele mata um criminoso.

Uma cena em particular, na qual **Kersey** durante uma viagem de metro lê um jornal e ao ser abordado por dois criminosos desfecha sobre eles o seu revólver, dá-me um certo gozo ao ver o ar surpreso dos criminosos que não esperavam que o transeunte que viajava sossegado estivesse na verdade a preparar-lhes uma armadilha. Uma cena semelhante de **Kersey** a usar-se a ele próprio como isco seria utilizada em *Death Wish 3* (*Justiceiro de Nova York*) na qual Paul se passa à noite no mal afamado bairro em que estava instalado, com uma câmara fotográfica ao ombro, a saborear um gelado sendo pouco depois roubado por esticção e logo de seguida apontar e disparar certeira no criminoso que fugia caindo este pelo chão já sem vida e causando o maior júbilo entre os moradores fartos da criminalidade descontrolada que assolava o seu bairro.

Podemos conjecturar que impacto social teria algo transposto para a realidade. Mas na realidade de *Death Wish* pelo menos, existe uma cena na qual um noticiário emite a notícia de que as acções do Vigilante haviam feito com que o índice de criminalidade baixasse.

Um verdadeiro filme de horror, **INVASION OF THE BODY SNATCHERS** consegue-me inquietar a cada visionamento, uma invasão espacial que silenciosamente substitui quem adormece por uma cópia exactamente igual à excepção da falta de emoções e de qualquer individualidade. O paralelismo com certos sistemas políticos e religiosos da Via Nomiana é fácil de estabelecer para o satanista que acompanha o desespero das personagens em fuga das estranhas formas de vida.

Muitos outros aspectos tornam um filme em algo que manifesta uma postura satânica, desde o género maldito do terror à animação infantil. Se bem que ultimamente não me parece que tenha saído algum filme verdadeiramente entusiasmante neste aspecto, pode ser que seja apenas falta de conhecimento meu devido ao meu gosto particular. Mas enquanto vilões cativantes, cenários bizarros e obscuros e indivíduos que desafiam as velhas tradições povoarem os nossos ecrãs de eleição, o satanismo terá uma expressão

EVISCERAR MISTÉRIOS

Mosath

*E nem o criador percebe a obra, já que, primeiramente, tenta perceber a sua vida.
O resultado é a obra...*

MYSFACE.COM/HELLOUTRO

UMA VISÃO EXTERNA SOBRE O SATANISMO

NÃO É TODOS OS DIAS QUE SE RECEBE O PRIVILÉGIO DE DOCUMENTAR UM RITUAL SATÂNICO, MUITO MENOS QUANDO ELE ESTÁ ENQUADRADO NUM DOCUMENTÁRIO OFICIAL SOBRE O SATANISMO. COMO FOI DADO ESSE PRIVILÉGIO A **JOSHUA P. WARREN**, DECIDIMOS CONHECER MELHOR O HOMEM POR DETRÁS DA CÂMARA E O QUE O MOTIVOU A ACEITAR ESSE ENORME DESAFIO.



Lurker e Black Lotus



Como se descreve aos nossos leitores?

Já há 20 anos que sou um investigador do paranormal e entusiasta que trabalha através de livros, televisão, rádio, filmes e eventos ao vivo, pelo prazer da descoberta. L.E.M.U.R. (*League of Energy Materialization and Unexplained phenomena Research* – Liga da Materialização de Energia e Estudo de Fenómenos Inexplicáveis) da qual eu sou o fundador e presidente explora a relação entre o extraordinário e estranhas manifestações de energia.

Considera-se um Satanista?

Eu não sou Satanista, sou agnóstico. Não tenho nenhuma conclusão acerca da vida uma vez que acho que é um tema demasiado vasto para as nossas mentes humanas compreenderem.

Lembra-se quando e como foi o seu primeiro contacto com o Satanismo?

Quando tinha 16 anos trabalhei numa livraria e estava responsável pelos pedidos especiais. Um dia chegou uma cópia da *The Satanic Bible*. Uma vez que vivo na terra natal do reverendo cristão **Billy Graham** e todos tínhamos a nossa bíblia, muitos dos outros empregados ficaram assustados com o livro, nem sequer queriam tocar-lhe. No entanto, eu li algumas coisas e achei que muito do que era dito era senso

comum. Acho que o comportamento dos outros espicaçou a minha curiosidade. Porque é que era assim algo tão importante e será que o livro dava algum poder místico àqueles que procuravam a magia? Mais tarde na minha vida reatei essa investigação.

Considera o Satanismo como uma religião ou filosofia?

Num sentido mais puro, acho que o Satanismo é uma filosofia. Mas esta foi transformada numa religião por aqueles que a estruturaram e deram credenciais tais como "Sacerdote" e "Sacerdotisa".

Quando é que teve a ideia de fazer um novo documentário sobre o Satanismo e a Church of Satan? Porque é que sentiu que esta era a altura certa?

Desde que o meu programa de rádio *Speaking of Strange* foi um sucesso, que queria usá-lo para falar das coisas que me intrigavam e fascinavam na vida. Certa noite estava a procurar pessoas para entrevistar e lembrei-me da *The Satanic Bible*. Tive de pensar duas vezes sobre disso pois não sabia se a estação de rádio iria aceitar se eu quisesse falar sobre este tema, uma vez que a audiência do sul é bastante conservadora. Mas sempre me quis manter verdadeiro em relação às minhas convicções e

desprezo aqueles sem carácter. Contactei a CoS e fiquei surpreendido quando **Peter H. Gilmore** veio ao meu programa para uma entrevista.

A controvérsia acerca da sua participação foi notória. A resposta foi enorme e achei que este assunto devia ser explorado no futuro. Depois de saber que não havia nenhum filme realizado sobre a CoS em várias décadas, perguntei a **Gilmore** se podia fazer um documentário acerca da organização. Como realizador, visionei este como um filme de sucesso. A altura da sua realização foi apenas uma questão de todas as oportunidades estarem reunidas.

Teve algum contacto, anterior ao documentário, com a CoS?

Não, foi algo novo para mim.

Visualizou os outros documentários da CoS? O que é que queria cobrir e que assuntos queria esclarecer com este novo documentário?

Eu não tinha tido contacto com os outros documentários até ter começado a trabalhar no meu. Durante a minha pesquisa comecei a ver um dos documentários mas depois parei. Fiquei com receio de ser influenciado e decidi não ver nada do que já fora feito. Há vários riscos ao tomar essa decisão (tal como ser redundante), mas achei que era importante para manter uma perspectiva fresca acerca do tema a tratar.



O Satanismo é importante uma vez que é um tipo de vida que muita gente leva e eu queria captar isso através da minha experiência, para o melhor ou pior.

Quais foram os objectivos principais a focar quando decidiu fazer o documentário?

Em primeiro lugar queria ter a certeza que não iria ser algo neutro, ou politicamente correcto como é costume ver em "documentários" na televisão. Sabia que tinha de ter um ponto de vista e o único ponto de avaliação seria o meu. Isto era muita pressão para colocar em mim, uma vez que era impossível agradar a toda a gente, mas decidi contar a verdade da forma como a via. Depois de ter feito essa decisão, foi como fazer um diário uma vez que aprendia sempre mais.

Também tomei consciência da presumível audiência. Queria fazer um filme que presumivelmente toda a gente quisesse ver – Satanistas, ateístas, cristãos, etc. Isso queria dizer que eu tinha de analisar o que estava a ver de múltiplos pontos de vista, olhar como se fosse um teólogo, ou um hipócrita que vai à missa de domingo. O tempo usado seria inútil se o limitasse a uma audiência potencial baseado no ganho futuro e não na minha visão por diferentes perspectivas.

Já anteriormente tinha conhecido o Magister Robert Lang? Qual foi a sua primeira impressão dele e do seu ambiente?

Não conhecia o **Magister Lang**. Fiquei surpreendido com o calor, compreensão e com a lógica que tanto ele como a **Diane** tinham. Eles eram inteligentes e pessoas admiráveis e o seu ambiente reflectia isso. O Lang era honesto e apesar da sua aparência sinistra era um bom orador e não falava sem pensar. Senti-me bastante confortável na casa deles, embora eles não soubessem ao certo qual era a minha motivação. Até o meu co-produtor, **C. Eric Scott**, que é um cristão devoto sentiu o mesmo que eu. Eles representam o melhor do que eu encontrei na comunidade satânica.

Como é que se preparou para as filmagens? Que tipo de investigação é que fez? Sabia exactamente o que queria filmar quando foi para o Canadá?

A minha principal preparação foi ler e re-ler a *The Satanic Bible* de **LaVey** e *Satanic Scriptures* de **Peter Gilmore**. Não estava interessado em interpretações de outros neste sistema, apenas na minha interpretação nas páginas a preto e branco. Além dos aspectos técnicos, de ter o equipamento todo reunido, não tinha ideia do que ia filmar mas tinha ideia de que queria



INSIDE THE CHURCH OF SATAN

2008



A partir do momento em que foi anunciado que estava em preparação um novo documentário sobre Satanismo com o aval da **Church of Satan (CoS)**, a expectativa foi crescendo até à sua divulgação este ano. A grande pergunta que se impunha era: terá *Inside The Church Of Satan* um nível qualitativo que lhe permita ombrear com os seus antecessores e configurar-se como um verdadeiro marco na divulgação da filosofia satânica a larga escala?

Procurando nos vários arquivos publicamente disponíveis, é possível perceber que não há muitos documentários existentes sobre a temática do Satanismo. Depois de *Satanis* em 1970 (mais tarde reeditado em DVD) e de *Speak Of The Devil* em 1993, foi preciso esperar cerca de 15 anos por *Inside The Church Of Satan (ItCoS)*. Entretanto, o **Canal de História** apresentou dois programas onde a filosofia do Satanismo era também abordada, e foram feitos outros trabalhos focados no assunto, maioritariamente sob o ponto de vista externo de outras religiões, que é o mesmo que dizer que não têm qualquer interesse prático. Aparte entrevistas e filmes onde o conceito é abordado de forma mais ou menos óbvia, pouco mais conteúdo visual há sobre o assunto. Tendo em conta a crescente preponderância do áudio-visual no rácio de informação absorvido pelas novas gerações, tornava-se portanto imperioso criar um documentário centrado apenas no Satanismo, onde a filosofia fosse abordada de forma séria e que servisse de base a uma desmistificação generalizada dos típicos clichês a si associados.

NA VERDADE, ITCOS APENAS FICA A MEIO CAMINHO DESTA INTENÇÃO, NUNCA SE CONSEGUINDO AFIRMAR COMO UM MARCO INCONFUNDÍVEL DE VIRAGEM NA COMUNICAÇÃO EXTERIOR DA COS E DO PRÓPRIO SATANISMO. E É RELATIVAMENTE FÁCIL PERCEBER PORQUÊ.

O autor do documentário, **Joshua Warren**, é uma figura bem conhecida nos círculos dedicados à investigação paranormal, nomeadamente nos EUA. A ideia de filmar o documentário *ItCoS* decorreu de uma entrevista que fez com **Peter Gilmore** no seu programa de rádio, e de posteriores contactos com o responsável pela CoS e outros Satanistas. Finalmente, foi-lhe dado acesso à informação, recursos e pessoas necessárias para fazer o seu trabalho.

Uma boa parte do documentário é passada na casa de **Robert Lang**, um dos mais proeminentes Satanistas na hierarquia da CoS (e que podemos também conhecer melhor nesta edição), entre família e amigos, com um denominador comum: Satanismo. A exploração do lar de **Robert Lang** é uma viagem extraordinária, apenas superada pela peça central do documentário: o registo em filme, pela primeira vez, do Ritual de Ragnarok (extraído do livro *The Satanic Scriptures*, de **Peter Gilmore**), respondendo a uma das perguntas mais vezes colocadas a qualquer Satanista.

De realçar ainda algumas entrevistas alargadas não só às figuras já referidas, mas como a outros participantes no ritual documentado, também eles membros proeminentes na CoS. A lista é impressionante: **Robert Lang**, **Diana DeMagis**, **Peter Gilmore**, **Colonel Akula**, **Christopher Mealie**, **Stephanie Crabe**, **Eric**, **David Harris**, entre outros. Só aqui, o manancial de informação disponível é enorme, e os pontos de interesse muito variados. Assim sendo, com uma visão aprofundada sobre a vida privada de alguns dos mais reconhecidos Satanistas no mundo, conversas alargadas com vários outros, e filmagens exclusivas de rituais, o que falta mais a este documentário para o tornar extraordinário? Uma coisa muito simples: seriedade.

filmar um documentário na forma mais pura. Tudo que tenha muito planeamento não é um documentário. Filmamos isto do nada. Em alguns casos a qualidade sofreu um pouco, mas é REAL.

O C. Eric Scott ficou intimidado com a perspectiva de trabalhar neste projecto, mas superou as suas emoções e no final considerou que esta tinha sido uma experiência muito enriquecedora, como se mostra no filme.

Acha que o aspecto mais relevante do documentário é o ritual Ragnarok? Ou existem outros pontos que considera interessantes?

Acho que o ritual é secundário face ao tipo de mentalidade e estilo de vida do Satanismo. O ritual foi bastante porreiro, mas as entrevistas são o principal. No limite estamos a falar de um sistema de lógica. Muitos dos críticos de cinema e possíveis distribuidores disseram "tem de cortar nas entrevistas e colocá-las como som de fundo e dar ênfase à parte visual". Mas eu acho que as entrevistas reais, sem rodeios são o que faz este filme diferente e especial. Falamos de todos os assuntos, nascimento, morte, suicídio, aborto, drogas, penas capitais, vida depois da morte, política, guerra, e estes são o tipo de assuntos que as pessoas inteligentes gostam de ver abordados quando estamos a falar da mente de Satanistas.

Qual é a sua opinião acerca do resultado final deste trabalho?

Estou bastante satisfeito com o meu trabalho no corte final e composição do filme. Quer as pessoas gostem ou não, ele realmente capta a minha experiência pessoal nesta viagem de descoberta. Mas acho que irão ocorrer mais cortes no filme, transformando as actuais 2,5 horas, num filme de 80 a 90 minutos. Provavelmente no final terei perdido algumas personalidades e alguma parte do ritual, mas isso é necessário pois há coisas já standardizadas que tenho de cumprir. Não estou a fazer *bluff* quando digo que a edição de "Director's Cut" só vai estar disponível num curto período de tempo, por isso espero que os leitores possam apreciá-la no único sítio onde está disponível em www.insidethechurchof Satan.com

O que acha que este novo documentário vai alcançar em termos de disseminação internacional do Satanismo?

Quando estávamos a fazer este filme eu tinha um objectivo principal: permitir a alguém que não sabia NADA acerca de Satanismo, sentar-se, ver este filme e perceber na realidade o que é que isto significa. Acho que consegui atingir este objectivo. Não existe qualquer sensacionalismo, apenas conteúdo directo. Ao ver o filme deve chegar ao fim e concordar ou não



com a filosofia satânica. Digo com uma certa confiança que se discordar com algumas partes do filme, não se pode considerar Satanista. Se concordar com tudo deve desenvolver a sua pesquisa sobre o assunto. É uma ferramenta de educação e é a melhor que eu conheço que não é produzida por Satanistas. Daqui a 10 anos espero que existam o dobro das pessoas a saber do que é que trata o Satanismo e acho que este filme é uma chave para isso acontecer.

Até ao momento, quais têm sido as reacções ao documentário? Estão alinhadas com as suas expectativas iniciais?

Até agora, de entre muitas pessoas que já viram o filme, não tive nenhuma comunicação a dizer que não deviam vê-lo. Mesmo aqueles que criticaram o filme recomendam que seja visto e dizem que no geral é um bom filme. Está a ser bem MELHOR do que eu estava à espera, pois estava a pensar que iria ter uma multidão atrás de mim a ameaçar-me, mas tal não se verificou. Na verdade, e eu sei que é difícil de acreditar, tive tantos comentários positivos de cristãos assim como de satanistas. Antes de eu disponibilizar o filme na net, havia uma vibração negativa à volta deste projecto devido à especulação. Mas agora que começou a ser visto, está rodeado apenas de boas energias. Estava com esperança que isto acontecesse, mas mesmo assim fiquei surpreendido.

O que é que está a ser feito para a promoção a nível mundial e distribuição do documentário? Acha que é algo que vai apelar ao público em geral?

Apesar dos indivíduos que comprem ou que interagem com o filme o adorarem, os Mass Media *mainstream* estão algo relutantes em fazer a publicidade. Tenho pouco respeito pelos Meios de Comunicação Social mais conhecidos

e esta atitude só vem reforçar isso. Estou a debater-me para passar a informação sobre este filme de uma forma que nunca tinha acontecido antes. Podia ligar para a CNN com voz disfarçada e dizer que tinha filmagens de fantasmas que eles vinham logo, mas um documentário sobre o Satanismo, com rituais e todo o trabalho em redor assusta-os.

A Fox News contactou-me e disse que o Geraldo queria-me entrevistar. Eles queriam um link grátis para ver o filme online. Mandeí-lhes um link privado e em menos de 24 horas, quase 100 pessoas tinham tido acesso e no final não fizeram qualquer tipo de cobertura sobre o documentário. De certeza que todos o viram e estariam a discuti-lo nos escritórios, mas não tiveram a coragem de o colocar no ar. Acho que provavelmente o Geraldo teria querido falar sobre o assunto, mas algum chefe deve ter decidido cancelar. Até paguei um *press release* bastante caro para que fosse feita alguma publicidade, mas a administração devolveu o meu dinheiro e recusaram-se a fazê-lo e além disso não deram qualquer tipo de explicação apesar de ter ligado e mandado e-mails vezes sem conta, no entanto podem fazer publicidade a vibradores e bonecos sexuais!

Este projecto fez-me ver como a mente das pessoas é fechada e tacanha e como os Mass Media são hipócritas. É um tópico legítimo que iria ter muita interacção por parte do público, mas eles preferem ter reportagens sobre o embuste do Bigfoot ou as mamas da Britney Spears, sendo reais ou não.

É também conhecido por estar sempre a trabalhar em vários projectos. Pode partilhar connosco o que é que o mantém ocupado para além do Inside The Church of Satan?

Recentemente apaixonei-me por Old San Juan, Puerto Rico. Estou a trabalhar para me instalar

INSIDE THE CHURCH OF SATAN (REALIZAÇÃO: JOSHUA WARREN; DURAÇÃO: 153 minutos)

DISPONÍVEL EM [HTTP://WWW.INSIDETHECHURCHOF SATAN.COM](http://www.insidethechurchof Satan.com), EM VERSÃO STREAMING E TAMBÉM EM DVD.

lá e fazer pesquisa sobre o paranormal no meu tempo livre. Se quiserem saber porquê podem visitar www.MysteriesOfPuertoRico.com.

Qual foi o projecto mais interessante em que trabalhou até agora?

Estou bastante orgulhoso no meu trabalho acerca dos mistérios das *Brown Mountain Lights of Western North Carolina* (Luzes das montanhas castanhas na parte oeste do estado de Norte Carolina). São bolas coloridas de luz que têm flutuado nessa zona desde há 100 anos, de acordo com reportagens jornalísticas (mas muito mais antigas de acordo com lendas nativas). Eu e a minha equipa aparecemos na capa de uma revista científica em 2004 ao conseguirmos reproduzir este fenómeno, a um nível inferior, depois de 15 anos de pesquisa e a acampar em terrenos duros com variados cientistas. Podem encontrar mais informação em www.BrownMountainLights.com.

Pode dizer-nos quais os aspectos mais importantes para si na vida? O seu objectivo como um indivíduo?

Os meus interesses são a exploração e a descoberta, liberdade e justiça, beleza e prazer. O meu objectivo é manter a minha liberdade, aprender e partilhar e ganhar algo financeiramente através das minhas ideias e trabalho uma vez que me debato com a sociedade para esta atingir um equilíbrio entre a lógica e segurança. Espero poder continuar a mostrar a minha visão – as boas intenções são poderosas.

A abordagem que **Joshua Warren** assume durante quase todo o documentário é, no mínimo, sensacionalista. Expressões descabidas (*"Será que vou de facto conseguir invocar o Diabo?"*, numa tradução livre das suas palavras), desperdício de tempo com perguntas fúteis (a primeira pergunta que faz a **Christopher Mealie** e



Stephanie Crabe é se são *swingers*, passando mais tempo nesse aspecto do que na filosofia satânica), e sempre uma aura de preocupação com o fantástico e teatral, com invariavelmente resultados confrangedores. Um exemplo? *"Num país estranho, cada vez penetrando mais em território gelado, se estes Satanistas estiverem de facto com más intenções, estou fodido!"*, novamente numa tradução livre, ao chegar ao Canadá, enquanto se dirigia para a casa de **Robert Lang**.

O que poderia até ser uma faceta humorística interessante e refrescante passa a ser um fardo que qualquer Satanista (ou outra pessoa que conheça minimamente os princípios fundamentais do Satanismo) tem que carregar durante todo o documentário. Já para não falar de intervenções completamente despropositadas e entrevistas a "personagens" que de tão caricatos deixam de fazer sentido. Outro exemplo? Qual é o propósito dos minutos desperdiçados na festa da Halloween que antecede a viagem ao Canadá? Alívios para quem o conseguir explicar...

Este sentimento de frustração é o que castra esta experiência, que em tudo o resto se encontra ao nível do que seria esperado. **Joshua Warren**, e em boa verdade a própria CoS, perdem uma oportunidade de ouro de traçar uma linha muito bem definida sobre o que realmente é o Satanismo, criando antes um documentário que se pode definir como um chocolate apeteçível com um recheio que deixa um trago amargo na boca.

De qualquer forma, estas pouco mais de 2 horas contêm muita informação interessante, pelo que se recomenda a sua visualização com um espírito prevenido para o que demais vão encontrar. O documentário avança sempre num crescendo até à sua conclusão, sendo o último terço talvez a parte mais interessante, por isso, não se deixem desanimar com o início periclitante e avancem sem receios para o que mais interessa.

Resta-nos continuar a esperar por algo verdadeiramente excepcional, ansiando que não seja uma espera tão longa como da última vez.

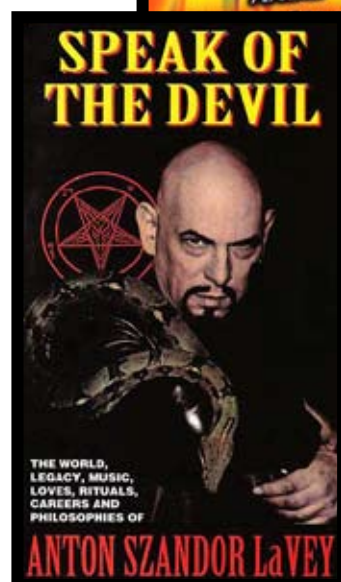
Lurker.



SATANIS – THE DEVIL’S MASS

(Realização: **Ray Laurent**; Duração: 86 minutos)

Editado originalmente em 1970 e reeditado em DVD em 2003, este é o primeiro documentário oficial existente sobre o Satanismo e a CoS. Filmado na memorável *Black House* em S. Francisco, é uma visão muito de perto sobre **Anton LaVey** e a organização que fundou. Os seus cerca de 86 minutos de duração contêm tudo aquilo que, na altura, era simplesmente radical: mulheres nuas em altares, sequências de rituais satânicos, uma entrevista extensa com **Anton LaVey** recheada de muito humor, entre outras pérolas. Infelizmente somos também confrontados com algumas entrevistas a algumas personalidades mais ou menos conhecidas no contexto cristão, o que decrece bastante o fluir do documentário e o próprio interesse no conteúdo. Uma interessante introdução ao Satanismo, que vale principalmente pelo carácter histórico que representa.



SPEAK OF THE DEVIL

(Realização: **Nick Bougas, Adam Parfrey**; Duração: 85 minutos)

Editado em 1995, é centrado na figura de **Anton LaVey** e tenta descrever o contexto que o levou a criar a CoS e o conceito de Satanismo. Parte da sua duração é usada na descrição do passado de **LaVey**, e somos também brindados com algumas das suas performances musicais ao teclado – uma boa oportunidade para confirmar o seu talento. Há também espaço para uma interessante entrevista com a sua filha **Zeena**, e uma conversa alargada com o próprio **Anton LaVey**. Curiosa a parte em que é perguntado ao transeunte o que é para si o Satanismo, com as mais variadas respostas, como seria de esperar. Vale sobretudo pela visão sobre uma das mais interessantes personalidades do último século, não descurando a vertente filosófica do Satanismo.

MAGISTER ROBERT LANG

UMA DAS MAIS PROEMINENTES FIGURAS LIGADAS AO SATANISMO E À CHURCH OF SATAN – PROVAVELMENTE UM DOS MEMBROS DO COUNCIL OF NINE (ASSUNÇÃO NOSSA). A OPORTUNIDADE QUE NOS DEU A TODOS DE SERMOS RECEBIDOS EM SUA CASA, ATRAVÉS DA SUA PARTICIPAÇÃO NO DOCUMENTÁRIO INSIDE THE CHURCH OF SATAN TINHA QUE SER RESPONDIDA COM UMA PROCURA DE CONHECER UM POUCO MELHOR ESTE SATANISTA RESIDENTE NO CANADÁ, MAS COM IDEIAS QUE ABRAÇAM TODO O MUNDO.



Lurker e Black Lotus



Como é que recebeu a sugestão do Magus Gilmore acerca da realização de um novo documentário sobre satanismo e sobre a Church of Satan? O que o levou a pensar que esta era a altura certa?

Recebi com entusiasmo o pedido do Magus Gilmore acerca da minha participação neste novo documentário de Joshua P. Warren. A altura era a ideal, em parte porque já passou mais de uma década desde a morte de Doktor LaVey e acho que o mundo deve ver que a sua igreja continua viva, devido à sua decisão de deixá-la nas mãos de uma liderança forte e leal que se manteve ao seu lado e ganhou o seu res-

peito. Por outro lado vai provar ao mundo que a Church of Satan nunca foi um "culto de personalidade". Para aqueles que a consideravam isso, tem sido motivo de intriga a forma como a CoS se manteve e mudou com a liderança actual. É claro que estas pessoas nunca prestaram muita atenção ao que LaVey ou Peter Gilmore escreveram ao longo dos tempo e construíram nas suas cabeças alienadas as suas próprias mentiras (nas quais eles acreditam) de modo a justificar os seus egos frágeis, os seus actos de traição e ofensas aos seus amigos e camaradas; as mesmas pessoas que acreditavam neles e os apoiavam nos seus projectos. Como se costuma dizer, se já não há coisas com que se revoltar, que se segue a não ser os mais próximos de casa para reagir?

O que nós temos é um sistema natural de filtragem... e ainda bem! Como podem ver este filme também serve para pôr os pontos nos is e colocar por terra as mentiras perpetuadas pelos

desgraçados, além disso a Church of Satan nunca se colocou à parte da ideologia conceptual e filosofia de LaVey e ela continua devido à forte liderança que o próprio LaVey anteviu.

Quais foram os seus principais objectivos quando aceitou envolver-se neste documentário?

Todos insistimos para que fosse preciso, que não fosse adulterado ou não representasse de forma correcta o Satanismo ou a Church of Satan.

Já conhecia o Joshua Warren antes deste documentário? Qual foi a sua primeira impressão dele e da sua equipa?

Nunca tínhamos estado em contacto com o Joshua antes das filmagens, mas tínhamos ouvido a entrevista que ele fez com o High Priest Gilmore, no seu programa *Speaking of Strange*. O Joshua parecia genuinamente

A GRANDE REVELAÇÃO DO FILME É QUE OS SATANISTAS NÃO SÃO UM GRUPO DE ESTÚPIDOS QUE APENAS EXISTEM PARA CHOCAR OU ULTRAJAR SÓ PELO GOZO E PRAZER PESSOAL, MAS SÃO INDIVÍDUOS RESPONSÁVEIS QUE TÊM VIDAS PRODUTIVAS E INTERESSES VARIADOS

ESTE NOVO DOCUMENTÁRIO APENAS IRÁ FORNECER INFORMAÇÃO BÁSICA ACERCA DO QUE É OU NÃO É SATANISMO. IRÁ MOSTRAR UM ÂNGULO COM UMA MENTE ABERTA QUE AS PESSOAS NÃO ESTÃO HABITUADAS A VER.

interessado no Satanismo e no que ele representa, bem como em nos dar um abanão. Ele era muito amigável e gostei da sua indulgência na entrevista com o seu copo de *Bourbon*. Foi interessante de apreciar, porque estou habituado a tipos empertigados com entrevistas académicas. Não me parecia que ele tivesse um propósito de ataque e tanto eu como a minha mulher nos sentimos relaxados com ele. O *cameraman* que ele levou era mais recatado e tímido, mas uma pessoa decente. Eu tinha a certeza que o *Joshua* iria manter uma distância para não parecer pró-satânico e durante todo o tempo da entrevista me questioneei como seria o resultado...

Como é que se preparou para as filmagens? Foi tudo natural e espontâneo?

Eu arranjei as paredes e a indumentária exposta aproximadamente dois meses antes das filmagens. Revi apenas uma vez antes das filmagens, o ritual com o *Eric*, o nosso baterista. Em relação a qualquer outro tipo de preparação a verdade é que não precisávamos de nada, a não ser o jantar, mas esse é o forte da *Diana*. A Diana também preparou toda a gente relativamente às posturas Runicas e Mudras e fê-lo de uma forma brilhante se me é permitido dizer.

Acha que o aspecto mais relevante do documentário é o ritual Ragnarok? Ou existem outras partes que prefere?

A grande revelação do filme é que os Satanistas não são um grupo de estúpidos que apenas existem para chocar ou ultrajar só pelo gozo e prazer pessoal, mas são indivíduos responsáveis que têm vidas produtivas e interesses variados. Somos pessoas que estamos a trabalhar lado a lados com outros que não suspeitam que somos Satanistas. O filme dá uma ideia geral sobre o que o Satanismo é ou não é. O ritual Ragnarok, que é bastante rico em textos satâ-

nicos, é a cereja no topo do bolo.

Qual é a sua opinião acerca do resultado final do documentário?

Acho que ele perdeu a oportunidade de fazer algo realmente especial. Ele teve vários membros produtivos da CoS à sua disposição e entrevistou a maioria deles por mais de uma hora, mas parecia obcecado em fazer perguntas acerca dos nossos títulos e outras trivialidades. Muito do material mais profundo foi cortado. Acho que ele podia ter aproveitado muito melhor a entrevista com o *Reverend Mealie* e com a *Witch Crabe* do que perguntar se eles eram *swingers*. Ou como é que eles adquiriram os seus títulos. Aqueles dois têm imensa informação pertinente para partilhar e praticamente tiveram de lutar com ele para que houvesse uma discussão séria.

A edição e as luzes foram fracas e a visão nocturna a verde na parte do ritual estragou muito do valor estético e ambiental que é tão importante para nós.

E depois foi a adição da idiotice da festa de *Halloween* e da *Kooky Lady* – o que é que era aquilo?

O que é que acha que este documentário irá conseguir alcançar relativo à disseminação mundial do Satanismo e da sua filosofia?

Este novo documentário apenas irá fornecer informação básica acerca do que é ou não é Satanismo. Irá mostrar um ângulo com uma mente aberta que as pessoas não estão habituadas a ver. Tenho de reconhecer que o *Sr. Warren* teve uma certa coragem para fazer isto, uma vez que a estupidez prevalece no mundo e todos têm o mesmo direito para abrir a boca e provavelmente não faziam um projecto destes.

Lembra-se quando e onde foi o seu primeiro contacto com o Satanismo? Prefere vê-lo



como uma religião ou filosofia?

Encontrei a *Satanic Bible* numa livraria *WHS-mith* quando tinha 13 anos. Estava nervoso quando a comprei porque pensei que a pessoa da caixa me ia chatear. Assim, preferi uma abordagem mais audaciosa e atirei com o livro para cima da mesa da caixa e abri a minha carteira. O caixa disse "Os teus pais sabem que estás a comprar este livro?" e eu respondi "Claro que eles sabem!". Quando cheguei a casa coloquei o livro debaixo do colchão com os outros itens proibidos. Devorei-o apenas em 3 vezes de leitura.

Enquanto lia a *Satanic Bible* de *Anton Szandor LaVey* senti que estava a olhar para um espelho que me definia exactamente como era e como via o mundo. Antes não havia maneira de descrever a minha visão, mas naquele momento pela primeira vez isso era possível. Depressa me apercebi que não era o único a pensar assim.

E agora aqui estou eu...

O Satanismo tanto é uma religião como uma filosofia que se baseia nas leis naturais. Reconhecemos que o ritual é importante para o homem. O Satanismo providencia as metáforas necessárias e símbolos característicos da religião e combina-os com uma filosofia realista baseada numa indulgência responsável e orgulho e não numa negação de si mesmo.

O que é que é mais apelativo para si na filosofia satânica? E o que é que causa maior discussão entre os seus pares?

O que mais me atrai é que o Satanismo está completamente alinhado, num contexto filosófico, com a natureza.



Entre as pessoas que me são mais próximas, a questão que mais se levanta e que causa especulação é relativa ao Homem e à sua pompa, a maneira como o mundo devia ser e como ele é na realidade. Este tema aparece frequentemente quando falamos de política e valores democráticos.

O que é que mudou no Satanismo na última década? E o que é que mudou na percepção da sociedade em relação ao que realmente é o Satanismo?

Bem, nada mudou relativamente ao que o Satanismo é! Temos é tido oportunidade de clarificar ao mundo a nossa religião/filosofia, principalmente devido à tecnologia. A Internet foi uma grande ajuda, porque o fez a uma escala mundial. Se as pessoas conseguem "sobreviver" toda a parafernália que existe, então são bem-vindos. Como foi dito no filme pelo **Magus Gilmore** "*Nós, os Satanistas não estamos interessados em parvos!*"

O que é que acha da situação actual da CoS? Está satisfeito com o que foi alcançado?

Claro que estou satisfeito com o que a CoS alcançou até agora. A **Church of Satan** mais do que nunca, está cheia de indivíduos com valor. Muitas destas pessoas movimentam e alertam o mundo. Se as pessoas soubessem ficariam muito surpreendidas! Iremos continuar a movermo-nos dentro e à volta da sociedade, espalhando a nossa influência satânica que



vemos em todo o lado. A nossa influência não pára de crescer, sempre em frente, não a podem deter!

Do ponto de vista satânico, como é que vê o mundo actual? Como raça, qual é a nossa maior realização e as nossas falhas?

Vejo o mundo actual como sempre vi. É um lugar de beleza e encantamento, com poderes contrastantes e impérios que ascendem e caem. A vida come a vida...

Na minha opinião a zona Este está a ascender enquanto que o Oeste se encontra em declínio. A nossa civilização tornou-se fraca, em agonia devido aos valores cristãos de democracia hipócrita.

Está cheia de burocracias e liderança mediocre. O Oeste precisa de um clister para conseguir sobreviver aos próximos anos... Acordem!

Certamente que a tecnologia é uma das maiores conquistas do homem, mas também é o nosso ponto mais negro. Enquanto que a tecnologia nos permite viver mais confortáveis, também fez com que a maioria das pessoas se tornasse dependente dela, ao ponto de desesperarmos se algo acontecesse e destruísse toda a tecnologia e a nossa interdependência na sociedade. A maioria das pessoas perdeu as suas capacidades de sobrevivência e se o mundo sofresse uma catástrofe e retrocedesse elas não conseguiriam sobreviver. Isto não é necessariamente mau. A sobrevivência do "mais bem adaptado".

Olhando para o futuro, como vê a evolução do Satanismo no mundo?

O Satanismo vai ser como sempre foi, no entanto não é nem nunca será uma religião das massas. Mas ao mesmo tempo a influência

dos Satanistas será sempre vista e sentida pelas massas, como os criativos e produtivos que encaram a sua estética negra e espalham a sua influência pela sociedade.

Também teve uma reacção avassaladora relativa ao seu trabalho em *Wolfhook Ring*. Está a planear algo semelhante para o futuro?

O *Wolfhook ring* correu-me bem. Desde esse projecto que tenho tido encomendas para fazer algo personalizado. O mais notável foi *Lucifer's Hammer* usado pelo empresário de *wrestling* **Sinister Minister**.

Actualmente tenho um pendente de **Vlad Tepes** e um pendente de **Wolfhook** que será lançado em quantidades muito limitadas.

Está actualmente a trabalhar em outros projectos?

Sim, estou a trabalhar em vários projectos. Por acaso até estou a exagerar um pouco em relação a mim, mas acho que trabalho melhor assim. Dois projectos são musicais e estou a debater-me para arranjar tempo para eles. Tenho outro projecto para escrever um livro, que é a colecções de artigos que tenho feito e tenho projectos para fazer mais artigos de joalharia, e estou desejoso de trabalhar em colaboração com outro terrorista estético que anda por aí. Também estou a fazer umas renovações na *Black House North*, na câmara ritual. Quero colocar um chão de pedra e estou com planos para decorar o cimento vermelho com um sol negro de 1,2 metros criado pelo **Magister Diabolus Rex** para esta sala.

Pode falar-nos acerca dos seus interesses na

O SATANISMO PROVIDENCIA AS METÁFORAS NECESSÁRIAS E SÍMBOLOS CARACTERÍSTICOS DA RELIGIÃO E COMBINA-OS COM UMA FILOSOFIA REALISTA BASEADA NUMA INDULGÊNCIA RESPONSÁVEL E ORGULHO E NÃO NUMA NEGAÇÃO DE SI MESMO.

vida, os seus objectivos como indivíduo?

Gosto de viajar, da vida ao ar livre, arte e música. Amo a minha mulher, o meu cão, os meus gatos e a família que escolhi, que são os meus amigos mais chegados. Os meus objectivos estão de acordo com os meus gostos pessoais.

Como é que alguém como você se integra na sociedade e vive a vida de todos os dias?

Sou pragmático acerca disso. Sei quando devo mostrar as minhas cores e quando calar-me. Há muitas pessoas que têm a necessidade de mostrar ao mundo a sua opinião e crenças. "*Isto é o que eu penso em relação a este assunto*" – *ad nauseum*... verdade seja dita, a maioria dos Satanistas estão bastante seguros nos seus ideais que não têm de andar por aí a dar opiniões (a não ser que lhes seja pedida). O Satanismo não trata de convidar a punição e desconforto para a vida, o Satanismo é estar à frente do chamado rebanho. Dizer a alguém que se é Satanista nem sempre é a melhor ideia, no entanto um amigo só é verdadeiramente amigo se te aceitar conforme és. Não somos mártires em relação a uma causa, por isso temos de ser inteligentes em relação a isto!

Conhece o nosso país? Já cá esteve?

Sei pouco acerca de Portugal, a não ser que têm excelentes vinhos como o Porto e o Madeira. Há pouco tempo compramos um novo Madeira chamado *Leacocks Rainwater* que iremos experimentar.

Gostaria de visitar Portugal, pois já me disseram que é reconhecido pela sua beleza, ambiente romântico e excelente arquitectura. São boas razões para merecerem uma visita.

Palavras finais...

Hail Satan!

Livro/autor favorito:

Qualquer coisa de H.P. Lovecraft

Música/banda favorita:

Ultimamente tenho ouvido a banda Changes. A música que eles têm "*Waiting For the Fall*" é a minha favorita. Outra banda de que gosto é Lindbergh Baby.

Artista favorito:

Von Stuck e qualquer coisa de Diabolos Rex

Actor ou filme favorito:

Kiss of Death com o actor Richard Widmark e *The Sea Wolf* com Edward G. Robinson. Também não podia deixar de ser o *The Wickerman*. Também gosto dos filmes antigos da Hammer e qualquer coisa com Vincent Price, mais precisamente *The Masque of the Red Death*. E nem vou começar a falar dos filmes de Ingrid Pitt.

O seu melhor lançamento até agora:

Provavelmente o *Wolfhook Ring* e também a estátua de Vlad Tepes. O trabalho feito à medida de que mais gosto é o *Lucifer's Hammer*.

Qual a forma ideal de passar o dia:

Ao ar livre com a Diana e a Freyja a explorar a paisagem, acompanhado de um bom cigarro.



Richard Widmark

(Em baixo) Freyia, a companheira de aventuras de Robert Lang, rodeada de alguns dos seus trabalhos mais emblemáticos – porque nem só de trabalho vive o homem, e a indulgência tem um papel preponderante na vida de cada Satanista.



UM SUSTO DE RISOS CINEMATOGRAFICOS



A FAMÍLIA MUNSTER

Mosath

LIGA-SE A TELEVISÃO.

INICIA-SE A TELA DO CINEMA.

ABREM-SE OS OLHOS E OS OUVIDOS...

“LUZES! CÂMARA! ACÇÃO!”



ão tenho quaisquer intenções de dar pareceres sobre aquilo que o Cinema é ou deixa de ser ou sobre aquilo que deve ser mais e menos aplaudido. Sinceramente, não tenho quaisquer intenções de dar respostas a perguntas, dúvidas ou a confusões. Simplesmente, pretendo falar, apresentar, comunicar ou elaborar um texto, etc., acerca de um produto que consumi recentemente.

Não, não é um produto alimentar ou de beleza. Falo sim de um produto de lazer, de ócio, que vejo como sendo um produto de grande entretenimento, de consumo saboroso (mesmo sem ser através das papilas gustativas) e cinematográfico (talvez). Para ser mais rigoroso, não será um produto cinematográfico, mas sim um conjunto de episódios de uma produção televisiva, então talvez lhe chame de elemento da televisão cinematográfica, de uma série antiga, de seu nome “*The Munsters*” (“A Família *Munster*”). Apesar dos anos que isto contabiliza, eu desconhecia esta primorosa *Sitcom* dos anos 60. Francamente, não fazia ideia da existência de uma elaboração audiovisual tão curiosa daqueles tempos...

Foi daquelas coisas, daqueles momentos, em que senti uma lufada de ar fresco, uma vibração espectacular, a qual já não sentia há algum tempo.

Penso que é natural o facto de que logo se compara esta série com a não menos espectacular “*Família Addams*”.

Os *Munsters* são fidedignamente monstros; engraçado reparar na semelhança entre as duas palavras acima. Todavia, estes declarados monstros, no patamar da aparência, estão habilmente próximos do temperamento e carácter das típicas famílias das periferias, declaradamente humanas no mesmo patamar. Esta memorável *Sitcom*, respeitável trabalho, original e divertida, traz qualquer ingrediente de insólito a todos os indivíduos que preferem ou, simplesmente, gostam de produtos de comédia clássica, quase a um nível de teatro filmado.

Pensando bem, foi um dos melhores entretenimentos dos meus tempos recentes. Chegar a casa, depois de um qualquer tipo de actividade e assistir calma e descontraidamente à série dos *Munsters*. Como é uma série descontraída, faz sentir aquela empatia grandiosa que provoca um ambiente risonho e uma postura alegremente activas. Ao assistir aos vários episódios, ao longo dos episódios, vai-se descobrindo cada vez mais pormenores, cada vez mais história e crescimento psicológico das personagens e do meio, daí afirmar que para além da série da família

ESTA MEMORÁVEL SITCOM ORIGINAL E DIVERTIDA, TRAZ QUALQUER INGREDIENTE DE INSÓLITO A TODOS OS INDIVÍDUOS QUE PREFEREM OU, SIMPLEMENTE, GOSTAM DE PRODUTOS DE COMÉDIA CLÁSSICA, QUASE A UM NÍVEL DE TEATRO FILMADO.

ASSIM COMO UMA FOTOGRAFIA A PRETO E BRANCO TRANSMITE-ME UMA BELEZA SUPERIOR, UMA PERSPECTIVA DE CONTRASTES, A SÉRIE FICA PERFEITA NESTES TONS, NESTE MUNDO VISUAL.

Munster ter sido um achado para mim, pois é hilariante, também não deixa de ser uma daquelas pérolas da arte dos argumentistas. Assistindo, não há mesmo hipótese de fugir ao magnetismo desta série e no meu próprio caso, sendo uma série levada/criada a preto e branco, mais magnetismo se entranhou. Assim como uma fotografia a preto e branco transmite-me uma beleza superior, uma perspectiva de contrastes, a série fica perfeita nestes tons, neste mundo visual. Apelando à ideia de que somos nós quem fazemos o nosso próprio tempo, evidencia-se que os *Munsters* tornam-se excelentes pelo seu tempo, plano e por todo o invólucro de um talento que resultou, por que tinha que resultar, mediante a capacidade dos protagonistas, claro!

Esta produção tem um qualquer requinte antigo, desigual daqueles que tenho andado acostumado. Possuidora de um humor mordaz, negro e divertido, engloba os personagens simpáticos, mas excêntricos pelas suas maneiras pessoais, que culmina num banquete diário de ideias leves para com o mundo em geral.

Por um lado, aqueles que fazem parte da família *Munster* são simpáticos e, por outro lado, esses mesmos que dão as suas humildades para fora das suas portas, acabam por não compreender o mundo dos humanos à sua volta. Esta série que retrato possui ainda um genérico burlesco, muito divertido, contagiante e ao mesmo tempo esquisito. Como já referi, nesta produção, que para mim quase tem um valor cinematográfico pelas suas inovações, elementos e efeitos, encontramos histórias do quotidiano com perspectivas engraçadas e cheias de um gozo muito interessante, em que as quais se aperaltam para os espectadores numa película e imagem horripilantes, muito ao género de algum cinema de terror, mas que se enriquece num desenvolvimento humorístico.

Tal como avalio as personagens como densas, unidas e cómicas, as quais lidam com vários graus de insólito e do factor surpresa, igualmente as avalio como ingénuas e pouco superiores a demais pessoas. Contudo, a natureza destas personagens fascina-me e diverte-me como poucas coisas do género. Os seus temperamentos e acções são de uma graça incrivelmente viciante...

Em relação à parte da realização desta série, penso que esta foi entregue em boas mãos. Não esquecer que os interiores e restantes cenários foram bem trabalhados, pois possuem estéticas cativantes.

"*A Família Munster*" exhibe no seu seio a existência dos tais risos das séries de comédia do género, por detrás das cenas e acho isso bastante engraçado, visto que realmente dá mais alguma virtude à série. Sem dúvida que a fórmula para os episódios é interessante e a interacção entre humanos e *Munsters* original e quase demente. É sem dúvida hilariante...

Esta família é composta por alucinados, mas alucinados que influem o riso de uma forma maravilhosa. Adoradores da noite, dos espaços ermos, poeirentos, de cemitérios e alcovas, passam a maior parte do seu tempo a fazer companhia às ondas do ar nocturno. Como são as tais personagens que dão grande espírito e brilho à série, descreverei um pouco cada uma delas, para sublinhar adequadas características e contornos das/às mesmas:

HERMAN MUNSTER – Apelidando-se, em alguns momentos, como o chefe de família, o personagem principal da série "*A Família Munster*" acaba por ser o mais cómico, mais palerma e o mais desajeitado. Como logicamente seria, as coisas incidem mais nos seus ombros e, sinceramente, demonstra toda a sua hilariante personalidade de episódio para episódio. De um porte robusto, muita altura e força para dar e vender, protagoniza momentos em que parte mesas em casa, mas como o faz de uma forma engraçada, o resultado da cena só pode ser uma risada solta. O seu trabalho é na funerária, de onde obtém o rendimento familiar. Passa bastante tempo a orgulhar-se de si próprio, olhando-se ao espelho... fenómeno que resulta sempre com o espelho a partir-se. É uma criatura simpática.

LILY MUNSTER – Possuindo um carácter doce, esta é um

cliché divertido de uma personagem mulher dona de casa e mãe. Como tal, resulta na figura maior de protecção e simpatia da casa. É uma criatura engraçada, será a que possui um guarda-roupa mais elegante, tem um cabelo compridíssimo e um riso cativante. Preocupada com as lides domésticas, tenta de tudo para que a casa e a sua família sintam o conforto mais adequado. É uma morta com estilo e certa beleza, apesar de não criar muita sedução entre os humanos que visitam a casa dos *Munsters*. *Lily* é uma personagem fascinada pelo seu marido e tudo o que a/com ele diz respeito, ela procura conhecer e dar opinião. Considero-a apaixonante, uma personagem lúcida e densa, que tudo faz para enriquecer o valor emocional dos seus familiares.

THE COUNT; GRANDPA – Viúvo, esta personagem é aquela que sente uma nostalgia implacavelmente cómica e valiosa pela Europa. É o mais excêntrico e sábio, mas muitas vezes contribui com acções desastrosas e disparates. Passa muito tempo enclausurado nas masmorras com as suas experiências, invenções e magias excêntricas, produzindo a ideia de um génio intenso, um bocado trapalhão. Como é o ser da família mais antigo, tenta ser útil ao máximo grau que consegue, mas nem por isso deixa de aparecer com as suas embirrações e teimosias. É uma personagem divertida e que considero fantástica! Convém salientar igualmente que as suas ideologias tiveram passagem pela História do Mundo e a sua indumentária antiga não deixa de transparecer uma beleza jovial...

MARILYN – Esta é uma personagem que muitas vezes parece afastada do centro da acção. Com um ar gracioso, esta adolescente típica difere do aspecto dos seus familiares! *Marilyn* acaba por ser a maior piada que esta série oferece, porque criaram uma personagem corrente no meio de personagens tétricas! Apesar de ver as pessoas a não simpatizar com os *Munsters*, esta personagem demonstra um valor muito amável ao ficar do lado deles e acaba(?) por ser uma deles. Como é muito solicitada no campo sentimental, uma vez por outra leva os seus interessados a casa, mas deixa de ter hipóteses logo que os apresenta aos familiares, fenómeno cómico que se compreende... ou não!? É uma adolescente que se considera infeliz por não arranjar par, mas é uma personagem divertida, sorridente, céptica e inteligente.

EDDIE – O pequeno lobisomem é o filho dos *Munsters* que tanto mimam. É uma personagem que podia ter mais intervenção em determinados episódios, mas não deixa de ser querido, importante, engraçado, energético e com muita disposição para brincar. Acaba por ter uma óptima relação com o Avô, porque se interessa muito pelas experiências e pelas loucuras deste. É amigável com os rapazes da idade dele e é habitual vê-lo a exibir o seu mundo de questões emocionais. *Eddie* adora os seus animais de estimação e brinca frequentemente com o seu monstruoso *Spot*. Numa casa enorme, desenhada com muitos móveis, áreas e passagens, como é a dos *Munsters*, esta personagem leva o seu dia-a-dia a esconder-se ou simplesmente a passar o tempo dentro de armários, buracos e outros cubículos.

Avançando, tenho que falar acerca do próprio pacote de *DVD's* que constituem esta Série 1 da família *Munster*. Em seis *DVD's*, encontramos um total de trinta e nove episódios. O grafismo da caixa desta série é bem parecido e contém um claro toque apelativo. Contudo, nesta série, percebemos alguns defeitos ao nível das legendas, mas nada de muito grave... Esta fabulosa série, já agora, foi criada por *Ted Bergmann* e *Allan Burns*.

"*Classic Horror Comedy TV Sitcom Show*". Assim se define "*A Família Munster*", mas muito bem se podia definir como uma comédia clássica de horror de teatralização cinematográfica. Acredito que tal agradará a muitos tipos de público, mas principalmente quero acreditar que agradará a Satanistas, visto que a componente de humor e travessuras está constantemente presente.

Por fim, para saberem mais coisas em relação a esta série e esta família, nada como explorar os cantos à casa, os fossos e até os labirintos hilariantemente assustadores de comédia, no site www.munsters.com.



SARIKKO [http://notudenaika.deviantart.com]

O CONCEITO DE NATURAL EM **THE WICKER MAN**

Homero

AVISO (PRÉVIO) À NAVEGAÇÃO: ESTE PEQUENO ARTIGO NÃO EXIGE MAS SUGERE O VISIONAMENTO INTEGRAL DO FILME A QUE SE REFERE, THE WICKER MAN (ROBIN HARDY, 1973), POIS ASSUME QUE O LEITOR JÁ O VIU, SABE DO QUE SE ESTÁ A FALAR, E NÃO FICARÁ INCOMODADO COM REFERÊNCIAS AO FINAL DO FILME E A TODA A SUA TRAMA. PARA QUEM NÃO O VIU, SUGERIMOS FORMAS DE O PODER FAZER*. O AVISO ESTÁ DADO.



he Wicker Man (*O Homem de Vime*, se quisermos, pois não existe edição nacional que traduza o seu título de outra maneira) é notoriamente um filme diferente da maioria. Sim, é um filme narrativo, como a grande maioria dos filmes que vimos e veremos. Sim, tem um guião, actores, iluminação profissional, tudo isso. A sua diferença, no entanto, radica em duas características básicas:

na maneira como rompe com a ideia de "género cinematográfico" e na forma como joga connosco do princípio ao fim, dando-nos, no entanto, o prémio ao final. Mas já lá chegaremos.

A ideia de género cinematográfico é atirada de imediato pela janela após se ver *The Wicker Man*. O realizador acha que se trata de um *musical*. Para a distribuidora - que não sabia o que fazer com uma obra tão fora do comum - tratou-se de um filme de *terror*. Para *filmólogos* de sofá, poderá encaixar-se nos sub-géneros de *mistério*, *neo-paganismo* ou *fantástico*.

Disparate. O filme é isto e tudo e mais, é drama e comédia, é acção e introspecção, e não é nada disto, está muito para lá da segregação que os géneros tentam forçar. É, se se permite o adentrar em territórios só propícios aos fãs da obra, como a própria experiência humana: demasiado complexa para adjectivar com uma só palavra.

Por outro lado, e como se torna evidente a poucos minutos de chegarmos à ilha, estamos perante um jogo no qual não desempenhamos um papel meramente passivo mas, tal como *Howie*, tentamos desembaraçar a teia em que

THE WICKER MAN DESCREVE UM CHOQUE CIVILIZACIONAL E RELIGIOSO; DUAS FACÇÕES, DOIS LADOS DE UMA MOEDA CUJO METAL É A CRENÇA E QUE SÃO MAIS PARECIDAS DO QUE QUALQUER UMA DELAS PODERIA ACEITAR.

somos envolvidos em busca dos factos. Este jogo só poderia ter sido escrito por **Anthony Shaffer**, o mesmo guionista que, no ano anterior, tinha visto outro jogo seu do gato e do rato ser levado ao grande ecrã - *Sleuth* (Joseph L. Mankiewicz, 1972). **Shaffer** é um mestre artesão na fina arte de tecer tramas escrupulosamente resistentes aos erros típicos (incongruências no espaço e no tempo, conflitos inexistentes, alterações inesperadas e não fundamentadas na psicologia das personagens, etc.). Os seus enredos, não deixando de respeitar a inteligência do leitor (e do futuro espectador), brincam e gozam com ele, levando-o a saltitar de posição em posição, de ideia em ideia, até por fim colocar todas as cartas na mesa.

O filme, tanto no que concerne ao período de produção como à pós-produção e distribuição, viveu uma gestação e infância terríveis. Parte do fascínio e interesse que o filme exerce pode ser atribuído a tudo o que se passou à sua volta, criando o mito e a lenda. Essas questões são fascinantes por si próprias, e dariam facilmente pano para mangas, mas não está nos objectivos desta pequena resenha; recomenda-se investigação paralela.

Acima de tudo, *The Wicker Man* descreve um choque civilizacional e religioso; duas facções, dois lados de uma moeda cujo metal é a crença e que são mais parecidas do que qualquer uma delas poderia aceitar.

A diferença fundamental entre as duas religiões e visões do mundo reside na interpretação do correcto, e o correcto procede da noção de natural. Esta, aliás, parece ser a palavra-chave ao longo do filme. Para o **Sargento Howie** (Edward Woodward), não é natural acreditar nas *forças regenerativas da natureza*. Para um dos seus subordinados, é estranho, toda aquela fruta vinda de uma região tão inhóspita. **Lord Summerisle** acha anti-natural ajoelhar-se perante outro. Para os habitantes da ilha não é nada natural que um homem resista e se force a ignorar o chamamento sexual de uma Afrodite na Terra.

O sexo, o prazer, a libertinagem, os símbolos, a própria educação, tudo é definido pela religião, e é esta que rotula isto ou aquilo como natural - ou anti-natural.

A ignorância do povo de Summerisle no que concerne à Medicina, à Química e à Biologia, expressa através das mezinhas populares, das crenças relativas à fertilidade e natividade e no omnipresente domínio da magia é amplamente notada

por **Howie**. Este consegue ver os erros factuais dos pagãos, como cidadão de uma metrópole cujo conhecimento assenta na ciência, mas não consegue perceber que a sua própria religião também o faz acreditar e aceitar como verdades, premissas tão absurdas como as deles.

O avô de **Lord Summerisle**, um *distinto cientista, agrónomo, livre-pensador vitoriano*, valeu-se da ciência para tornar Summerisle uma terra fértil, rica, na qual *novas variedades de espécies vegetais pudessem crescer e multiplicar-se*, ao contrário não só das ilhas à volta como da própria ilha de Summerisle, também ela inhóspita até então. Em essência, o primeiro **Lord Summerisle** alterou a natureza para proveito do ser humano; avançou a experiência humana, *anti-naturalmente*, para lá do determinismo da natureza.

Claro que a sua experiência necessitava forçosamente de trabalhadores locais que aceitassem algo que parecia impossível: uma ilha do norte da Escócia a produzir frutas e legumes em abundância. Uma explicação científica, que por a+b demonstrasse o que estava a ser feito, seria insuficiente, e talvez contraproducente, pois seria vista como anti-natural. Não esqueçamos o facto de que seja como cristãos (que o eram antes da *evangelização* do livre-pensador

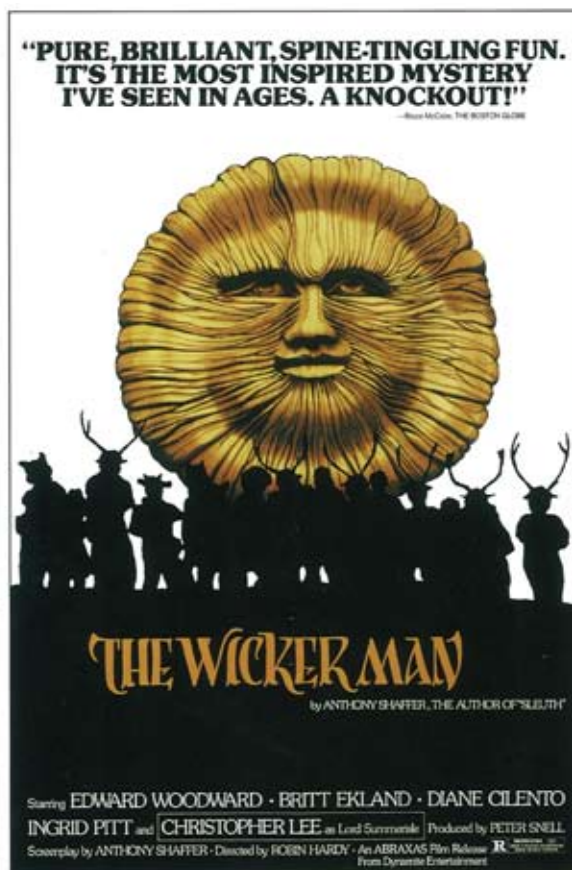
vitoriano), seja futuramente como pagãos, o conceito de natural é de extrema importância e define a moral e ética vigente. Num giro de 180°, o zeloso agrónomo tornou o anti-natural em mitológico e a ciência em ritual, fazendo-se valer de deuses e práticas pagãs.

O seu raciocínio é perfeitamente lógico e aparentemente à prova de erro: uma comunidade agrícola quer-se crente da *naturalidade* das suas colheitas; por outro lado, este livre-pensador desejaria, certamente, libertar o povo - ou pelo menos, *este* povo - da opressão e auto-limitação do cristianismo, do espartilho anti-natural que impedia a alegria, o sexo, a liberdade. Tal como nos diz o seu neto, em conversa com **Howie**, a melhor solução possível era fazer reviver *os velhos deuses*, apesar do próprio **Lord Summerisle** original não ser pagão¹. Poder-se-ia até arriscar apontá-lo como agnóstico/ateu. Acima de tudo, no entanto, era pragmático, compreendendo que a população necessita de acreditar em algo, escolhendo portanto a crença mais consentânea com os seus instintos humanistas e libertadores.

O plano correu até bem demais: o seu filho e mais ainda o seu neto, o actual **Lord Summerisle** (Christopher Lee), parecem ter-se tornado de facto crentes: aparentemente, Summerisle acredita no que prega, ou pelo menos assim o faz crer.

Seria de prever, quanto mais não seja por razões estatísticas, que algum ano agrícola fosse mau, com pouca ou nenhuma colheita. Mais tarde ou mais cedo as variedades utilizadas falhariam, dariam de si. Nessa situação, a população local, seduzida a esquecer o cristianismo em favor do paganismo graças à crença de que são estes antigos deuses que trazem boas colheitas, chegarão à conclusão inexorável: os sacrifícios oferecidos foram insuficientes, e será necessário ir mais além, subir na escala animal para uma barreira nunca antes transposta: sacrificar uma vida humana.

É possível que o primeiro **Lord Summerisle** tenha tido confiança absoluta nas suas variedades vegetais, e não receasse ter que vir a lidar com essa parte menos *bonita* da religião; o seu neto, no entanto, terá que controlar a situação, procurando nesse mesmo paganismo a solução, pois só uma solução pagã poderá manter o *status quo* da ilha. Existam esses deuses ou não, acredite Summerisle neles ou não, o sacrifício terá que ser feito: alguém terá que morrer. E é bom que funcione, pois senão o futuro próximo da ilha é o das suas vizinhas, reduzida a meia-dúzia de



pastores, tão esfomeados como o seu gado, enquanto o resto dos habitantes foge para a metrópole.

Claro que, para que o sacrifício funcione, isto é, para que os deuses fiquem satisfeitos e permitam que a próxima colheita seja fértil, terá que ser perfeito. A vítima terá que ser a mais adequada que se possa encontrar.

Uma vez mais Summerisle joga a cartada certa, neste jogo com regras tão próprias; matar alguém da ilha traria dissabores e problemas, podendo vir a ser a semente da desintegração da comunidade. Segundo a tradição pagã (pelo menos como é apresentada no filme), e após laboriosas buscas, a vítima ideal foi encontrada: um adulto virgem, um representante da lei e da ordem, um tolo, um rei por um dia.

Assim, Summerisle consegue não só um forasteiro mas também um *estranho*, alguém que é *outro que não nós*, que não compreende nem aprova o espírito da comunidade, um insolente, um opressor que pretende retirar a alegria e jovialidade que caracteriza os actos dos ilhéus. Os deuses satisfazem-se, a população mantém-se dominada, a fonte de rendimento perpetua-se.

Mas será mesmo assim? Surtirá efeito o sacrifício? Não sabemos, não saberemos, só nos resta especular, e é precisamente aí que radica a força do filme, a sua universalidade. Ao não dar uma resposta, ao deixar em aberto o resultado do sacrifício, nenhuma posição é preferida, ou imposta, e todos podem cantar vitória.

Os cristão poderão louvar o martírio de **Howie**, a sua determinação e força perante as tentações, os insultos e finalmente o hediondo crime cometido contra si, seguros da vida eterna do fiel ao lado do seu Cristo, ao mesmo tempo que desdenham as superstições e heresias pagãs, confiantes que Yahweh os castigará com um segundo ano de fracasso.

THE WICKER MAN NÃO É UM FILME PAGÃO, NÃO É UM FILME CRISTÃO, NÃO É UM FILME SECULAR OU ATEU - É AQUILO QUE CADA ESPECTADOR DESEJA QUE SEJA.



CHRIS RAWLINS [http://chrisrawlins.deviantart.com]

Pagãos, *devil-worshippers* e anti-cristãos em geral rejubilarão com o sacrifício, sentido-se vingados da nefasta cristandade e dos seus absurdos dogmas, ao mesmo tempo que acreditam na infalibilidade da oferenda, e do futuro radioso que promete.

Agnósticos, ateus e, a acreditar na entrevista que **Peter H. Gilmore** deu ao *Center for Inquiry*², satânicos, considerarão absurdas ambas as partes desta querela, apontando uns e outros como vítimas (e carrascos) da superstição, da credence, do seguidismo do rebanho (em ambos os lados, entenda-se), da necessidade de ter algo ou alguém que defina o destino, que ampare e leve e proteja (e castigue).

Conclusão: cada pessoa verá o filme através dos filtros que tem diante dos seus próprios olhos³. *The Wicker Man* não é um filme pagão, não é um filme cristão, não é um filme secular ou ateu - é aquilo que cada espectador deseja que seja. E se isto não é uma marca de um filme inteligente e bem feito, então não sei qual será.

1 Esta hipótese confirma-se na novela baseada no filme, escrita e publicada após a exibição deste, in Robin Hardy and Anthony Sheffer, *The Wicker Man* (Crown, 1978).

2 Podcast de 10 de Agosto de 2007, disponível em http://www.pointofinquiry.org/peter_h_gilmore_science_and_satanism/

3 Curiosamente, o filme foi muito bem recebido pelas várias autoridades eclesiais de diferentes credos, às quais o filme foi projectado em ante-estreia, tentando prevenir problemas de sensibilidade religiosa.



UM VISLUMBRE DE **MATT ZANE**



SOBRE A REALIZAÇÃO DO FILME “CLUB SATAN”

Era algo que gostava de fazer já há algum tempo. É baseado em muitos estereótipos dos cultos Satânicos e das missas negras.

SOBRE O SEU PAPEL COMO HIGH PRIEST

Só queria ser assustador e demoníaco. Actuei de forma superior, mas todo o filme em si é maior que os demais, por isso acaba por resultar.

SOBRE A REACÇÃO AO FILME

As pessoas gostaram. O filme é uma grande obra de arte. Devo muito ao editor **Hart Fisher**, que fez com que o filme resultasse bem. No que diz respeito à cobertura dos Mass Media, foi decente, mas esperava mais.

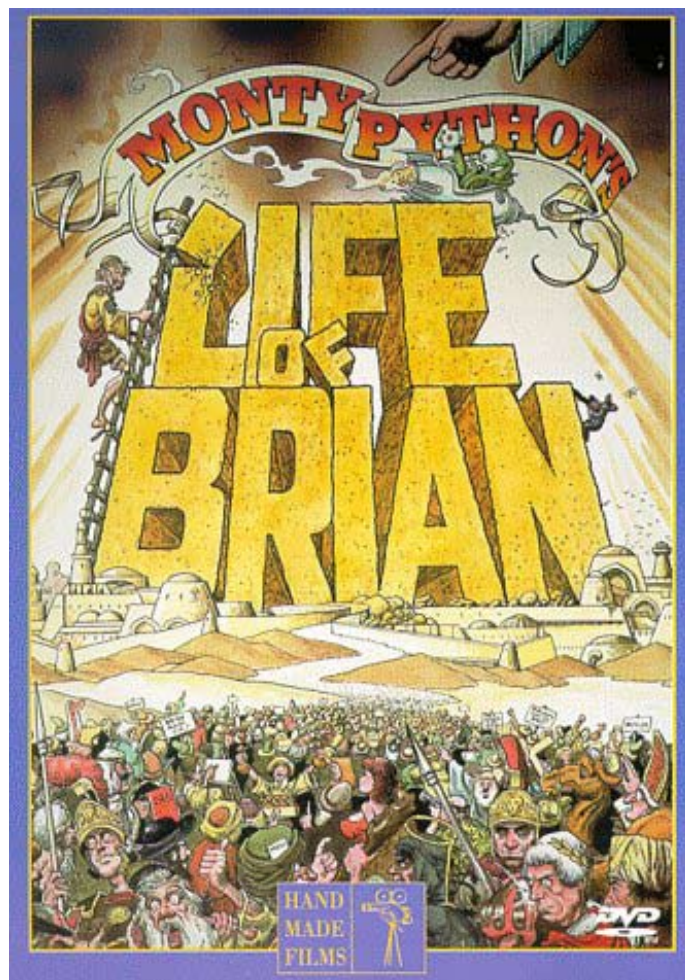
SOBRE QUAL O PAPEL MAIS CONFORTÁVEL: ACTOR, DIRECTOR OU PRODUTOR

Director. É difícil produzir porque preciso de me envolver mais. Para actuar é frustrante porque não posso ver o monitor.

SOBRE O PAPEL DA PORNOGRAFIA NA SEXUALIDADE DOS DIAS DE HOJE

Parece que as pessoas aprendem com ela. Fez com que as mulheres se tornassem mais abertas às práticas sexuais.





NASCIDOS DO FINAL
DA DÉCADA DE 60, OS
MONTY PYTHON
INSTIGARAM A REVOLUÇÃO
CULTURAL COM A QUEBRA
DAS REGRAS DEFINIDAS PARA
CINEMA E TELEVISÃO, IMPONDO
UM ESTILO RENOVADOR
ESSENCIALMENTE NA COMÉDIA,
ONDE TRAVARAM DURAS
BATALHAS EM FAVOR DO SEU
HUMOR ANARQUISTA E SURREAL,
CHEGANDO A SUA INFLUÊNCIA
A SER COMPARADA À DOS
BEATLES NA MÚSICA.

BM Resende



John Cleese, Graham Chapman, Terry Gilliam, Eric Idle, Terry Jones e Michael Palin formaram o grupo que se estreou na televisão em 1969 com o *"Monty Python's Flying Circus"*, série difundida na BBC até 1974. Era este o início de uma carreira de sucesso, de humor sem barreiras e de livre pensamento.

A carreira cinematográfica iniciar-se-ia em 1971 com uma coleção de *sketches* intitulada *"And Now For Something Completely Different"*, seguindo-se o filme de 1975 *"Monty Python and the Holy Grail"*, sucessos que viriam a ser minimizados perante o terceiro filme de sucesso estrondoso, não só em bilheteiras. A sua hegemonia de livre pensamento e crítica ao contrário tornaram o filme como um bastião da livre expressão, *"Life of Brian"* de 1979 tornou-se num dos filmes mais importantes de humor de sempre, sendo a mais hiperbórea comédia feita com estupidez religiosa.

O filme conta a história de um rapaz cheio de ideais nascido na época onde se diz ter existido uma pessoa de nome Jesus Cristo, tempos próprios para os messianismos na vasta aglomeração de ignorância e de areia, Brian era o seu nome. Pensando ser de origem judaica, o rapaz sabe pela mãe não o ser, filho de uma violação por um centurião Romano de nome Naughtius Maximus. Na alusão ao tema, Brian pergunta *"Foste violada?"*, responde a mãe: *"Ao início sim."*, e nasce a mentalidade de luta contra a opressão Romana, história batida, mas não nas lides em que se desenrolou.

Desde apedrejamentos até à morte com bancas de venda de pedras e barbas postiças para mulheres participarem no espetáculo, até crucificações em cantorias e danças alegres, o filme incendeia o humor com inspiração nas lides religiosas, aquilo que consideravam

“LIFE OF BRIAN” DE 1979 TORNOU-SE NUM DOS FILMES MAIS IMPORTANTES DE HUMOR DE SEMPRE, SENDO A MAIS HIPERBÓREA COMÉDIA FEITA COM ESTUPIDEZ RELIGIOSA.

um enorme vácuo, ausência de risos, de livre pensamento também como seria óbvio e a estupidez religiosa não seria tão facilmente ridicularizada, a batalha travada foi demorada e muito trabalhosa, o resultado final foi genial.

A censura ao filme começou pelo princípio, com aquela que seria a financiadora do filme, a EMI Films, a repudiar o guião final quando tudo já estava encaminhado para a produção. O fim parecia próximo sem nada se ter iniciado, mas as vontades dos Python clamaram mais alto e a ajuda foi encontrada em George Harrison, nome sonante das lides musicais, guitarrista dos Beatles, que prontamente se disponibilizou para o financiamento do filme, tendo na altura criado a Handmade Films, que viria a ser adquirida pela Paragon Entertainment em 1994. Fundos finalmente disponíveis e a comédia dos messianismos dos desertos começava a ganhar forma.

Não havia o filme sido finalizado e já grupos de pressão religiosos se moviam nos bastidores – a espionagem forneceu a Mary Whithouse, poderosa activista cristã no Reino Unido, algumas páginas do guião. A cruzada ao Pythonismo começava então, cartas com chantagens enviadas a políticos e pressões para a censura ao filme foram-se desenrolando sem grande mediatismo. Obviamente que a mediatização do fenómeno iria publicitar imenso o trabalho dos comediantes. Senhora de valores cristãos, passaria a sua existência em cruzadas aos homossexuais, às críticas religiosas e ao marionetismo de políticos e outros detentores de poderes. Capaz de mover rebanhos de números assustadores, a cruzada não era apenas uma esquizofrénica religiosa, era uma voz influente dos fascismos. Gerada a bola de neve, rapidamente se foi desenvolvendo e estendendo a pressões de grupos religiosos variados, as manifestações nos Estados Unidos foram massivas, incluindo grupos que não estariam previstos, como os judeus, criticando temas como a falta de credibilidade das vestes usadas e a resposta era apenas uma: usaram-nas porque gostaram delas. Piores contextos em cartas enviadas às cegas para qualquer ovelha que pudesse pensar em sair do rebanho e vem a veracidade histórica de um tal de Jesus curar cegos – no filme aparece um cego dizendo-se curado por um milagre caindo num buraco a seguir, humor simples que apenas precisa de um requisito: coeficiente de inteligência superior a zero.

Os cartazes e iras eram para todos os gostos, as mais recorrentes nas lides das blasfémias e termos nos géneros, pedidos de censura e algumas clemências, alusões a incitamentos de violência. Com causa no filme claro está, a consequência é religiosa, muitos sentimentos magoados e ofensas sentidas na pele por uma grande maioria de pessoas que nunca colocou os olhos em cima do filme. Bastou as pressões dos grupos cristãos no Reino Unido para banir o filme de imensas salas, perguntas aos responsáveis pelas exhibições, falta delas no contexto e eis a alusão à problemática do filme ser uma panóplia de termos cristãos aparentemente negativos. A fonte era uma carta de pressão religiosa vinda não

se sabia bem de onde, o responsável pela censura nem precisava de ver o filme para o censurar, e os mesmos contextos ocorreram em outros contextos. Uma breve alusão ao teor das manifestações, poder-se-ia pensar em humor mas não o seria, aliás, parece que os termos usados são negativos e pejorativos, na alusão ao porque sim, “*Python = Serpent = Satan*”, orgulho nas religiosidades e mais ainda na parvoíce evidenciada, problema em ser contaminação de massas e ter poder para influenciar os poderes. “*Estas pessoas operam num nível muito baixo de saúde mental.*”, resumiu John Cleese.

As inquisições aumentaram e nada melhor que uma através da televisão, convidados de honra Cleese e Palin, julgados por Malcolm Muggeridge e Mervyn Stockwood, ambos dementes cristãos, um trajado a rigor em tons de roxo e de pêndulo em forma de cruz ao pescoço, algo normal ao que se aparenta quando se é bispo, não sendo é anormal, teoria baseada em rigorosamente nada. *Friday Night, Saturday Morning* era o programa na BBC2, no debate em que pela primeira vez se viu um dos Python furioso, outro com cara de pena pelas figuras tristes dos seres religiosos, erros logo no começo, pensavam que Brian simbolizava o seu ente imaginário predilecto, Jesus Cristo. Estranhamente no começo do filme aparece esse personagem em palestra no cume de uma montanha e Brian na plateia, ou seja, pessoas diferentes não são pessoas iguais, areia a mais para a camioneta.

Banido em vários estados americanos e em vários locais na Inglaterra, seguiu-se uma censura de duração de oito anos na Irlanda e um ano na Noruega, facto último aproveitado para publicidade na Suécia, “*Este filme é tão cómico que foi banido na Noruega.*”.

Um dos pontos de maior ataque por parte do cristianismo foi a crucificação de Brian, momento final do filme com uma crucificação de várias pessoas entre cantorias e assobios, numa música que ficou para a história pelo seu positivismo, “*Always Look on the Bright Side of Life*”, onde as críticas abundaram de termos como blasfémia, heresia, vilificação, e nomenclaturas do género, ao que a melhor resposta, curta e simples, veio de Terry Jones, “*Qualquer religião que faz de uma forma de tortura um ícone que idolatram parece-me, honestamente, uma forma muito doente de religiosidade.*”.

E passados todos estes anos continua-se a desenrolar a batalha cultural do filme em causa – a exemplo, Sue Jones-Davies, actriz que fez o papel de namorada de Brian no filme, ficou chocada ao descobrir que os cinemas ainda estão barrados ao filme em Aberystwyth, local de onde foi eleita presidente, situação decorrida em 2008. Os pedidos para retirar a censura não foram bem sucedidos, aparentemente qualquer coisa necessita da autorização do reverendo local, no caso de uma espécie de autorização de Stuart Bell, que proferiu o seguinte julgamento ao contexto, “*Se alguém fosse gozar com a minha mulher através de um filme eu opor-me-ia a tal coisa... Gozar com Jesus Cristo num filme, a quem eu amo mais do que à minha mulher, irá ofender-me.*”, nem vale a pena dissertar sobre as possíveis ciúmeiras da pobre mulher... trocada por um analfabeto condutor de camelos... morto!

O filme continua e continuará banido em vários países e locais, e a batalha cultural continua, a livre expressão vai sendo continuamente bombardeada por estupidez religiosa, problema quanto ao facto de ter poder para manipular os poderes, resta averiguar até onde chegam as raízes das censuras e ver até que ponto a liberdade de expressão existe realmente. Quanto às proezas dos Monty Python pouco resta referir, espera-se que o legado seja seguido, tanto pela luta pela liberdade efectuada, como pelas gargalhadas instigadas, como pelo livre pensamento e gozo sem fronteiras ao seu contrário. A estupidez apenas deveria servir como uma fonte de inspiração para a comédia, embora ela própria seja uma e o filme “*Life of Brian*” é o exemplo perfeito de como se conjuga inteligência com humor, sátira com livre pensamento. Em resumo, esta é e será uma das mais importantes obras cinematográficas de sempre.





**WEAR YOUR
THINKING CAP**
or your brain is at risk